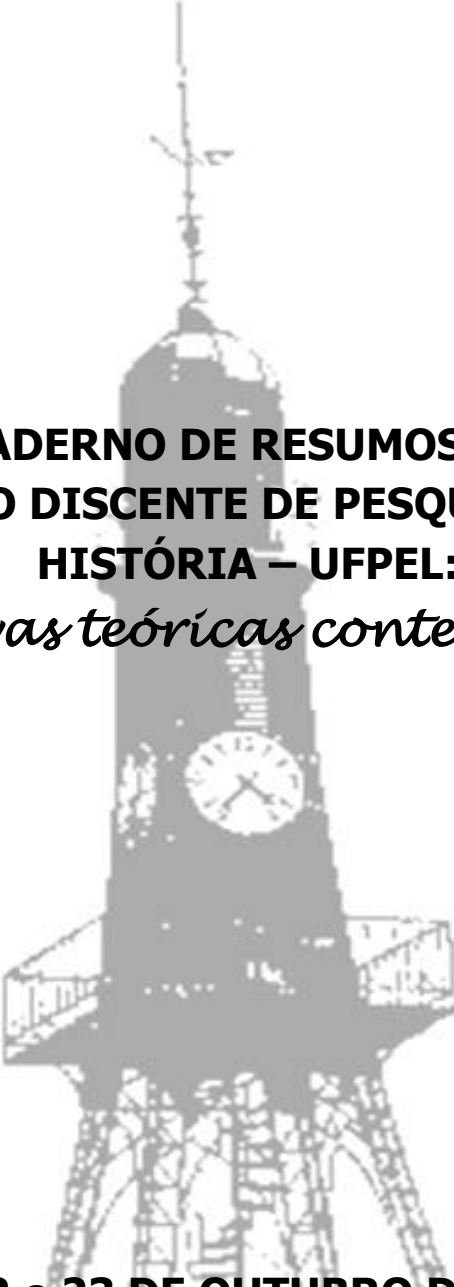




**II ENCONTRO DISCENTE DE PESQUISADORES DE
HISTÓRIA – UFPEL:**

Perspectivas teóricas contemporâneas

CADERNO DE RESUMOS



**CADERNO DE RESUMOS DO
II ENCONTRO DISCENTE DE PESQUISADORES DE
HISTÓRIA – UFPEL:**
Perspectivas teóricas contemporâneas

**21, 22 e 23 DE OUTUBRO DE 2015.
Pelotas - RS**

Catálogo na Publicação
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB -10/920

E56a Encontro Discente de Pesquisadores de História – UFPel: Perspectivas Teóricas Contemporâneas (2. : 2015 : Pelotas, RS)

Anais do 2º Encontro Discente de Pesquisadores de História – UFPel : perspectivas teóricas contemporâneas : caderno de resumos [recurso eletrônico] / Organização de Oliveira, Ângela Pereira ... [et al.] – Pelotas: Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas, 2015.

Modo de acesso: Internet

<http://ich.ufpel.edu.br/ppgh/noticias.php>

1. História. 2. Historiadores. 3. Pesquisas. 4. Resumos. 5. Teoria.
I Oliveira, Ângela Pereira, org. II. Título

CDD 930

Comissão organizadora

Ângela Pereira Oliveira
Biane Peverada Jaques
Cosme Alves Serralheiro
Eduarda Borges da Silva
Fabiano Pretto Neis
Felipe Nunes Nobre
Jéssica Oliveira de Souza
Mario Marcello Neto
Marco Antônio Collares
Paulo Renato Souza Ienczak
Ricardo Barbosa da Silva
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Comissão de apoio

Elvis Silveira Simões
Juliana Sabrine Braga Ulguim
Letícia Portella Milan
Taslins Ferreira Herbstrith
Vinicius Cardoso Nunes

SUMÁRIO

Apresentação.....	06
Programação geral.....	08
Programação por Simpósio Temático.....	09
Simpósio Temático 01: HISTÓRIA E MÍDIAS.....	13
Simpósio Temático 02: HISTÓRIA E NARRATIVAS.....	15
Simpósio Temático 03: HISTÓRIA, GÊNERO E SEXUALIDADE.....	18
Simpósio Temático 04: MÉTODOS E METODOLOGIAS.....	20
Simpósio Temático 05: HISTÓRIA MILITAR, HISTÓRIA DA GUERRA E REVOLTAS.....	26
Simpósio Temático 06: HISTORIOGRAFIA DO BRASIL.....	28
Simpósio Temático 07: HISTÓRIA E CIDADES.....	34
Simpósio Temático 07.1: HISTÓRIA E CIDADES.....	36
Simpósio Temático 08: TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA.....	40
Simpósio Temático 09: HISTÓRIA, BIOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDAS.....	45

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas foi aprovado e recomendado pela CAPES em 2009 e sua primeira turma ingressou em março de 2010. Desde então, outras sete turmas ingressaram sendo que a última foi no segundo semestre de 2015. O PPGH/UFPel possui como área de concentração Fronteiras e Identidades e está distribuído em duas linhas de pesquisa: Política e relações de poder e Cultura, narrativas e linguagens. Atualmente conta com um corpo docente composto por 17 professores entre permanentes, colaboradores e pós-doutorandos e um corpo discente formado por 40 mestrandos.

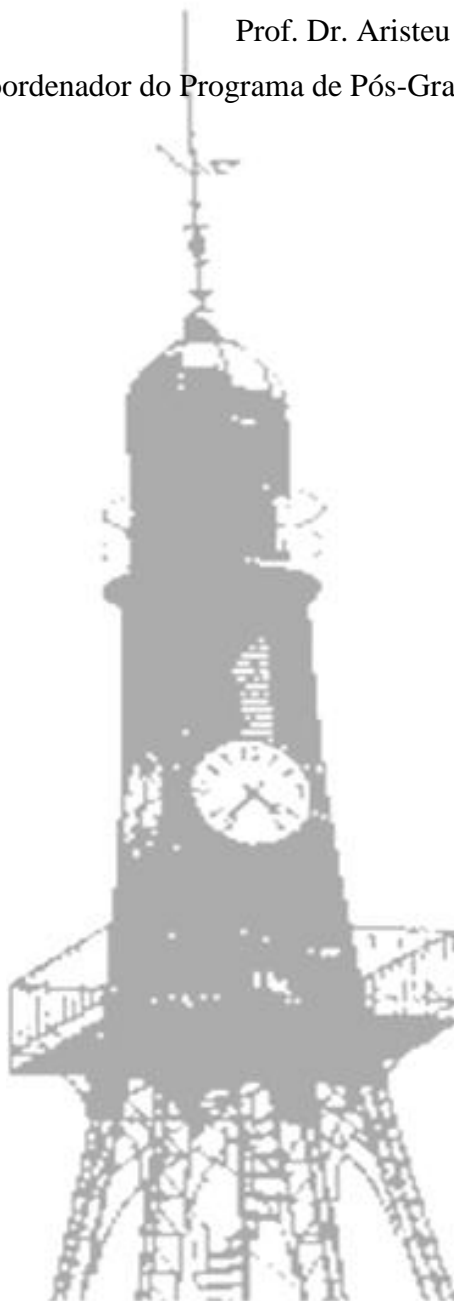
Em novembro de 2013, por iniciativa da Coordenação do Programa, foi realizado o Colóquio A pesquisa histórica na UFPel: a produção discente do Programa de Pós-Graduação em História. A atividade visava apresentar os trabalhos de pesquisa desenvolvidos por todos os alunos regulares do programa que ingressam em 2012 e 2013. Além de promover uma integração entre as duas turmas, o evento também se destinou aos alunos da graduação e demais interessados nos temas das pesquisas desenvolvidas no programa. O resultado foi positivo com a participação de vários ouvintes entre professores e discentes de graduação e os mestrandos que, além da apresentação de suas futuras dissertações, participaram dos debates ocorridos logo após o término de cada sessão.

A proposta da realização de uma segunda edição do evento foi prevista para o segundo semestre de 2015 integrando, dessa vez, os mestrandos das turmas 2014 e 2015. Contudo, a proposta ganhou novos ares, os mestrandos se mostraram interessados em ampliar o evento e, dessa forma, surgiu a iniciativa da realização de um evento maior, promovido pelos mestrandos, com palestrantes e abrangendo discentes de outros programas de pós-graduação em história e oriundos de programas de área afins que poderiam apresentar seus trabalhos em sessões de comunicações. Assim, o II Encontro Discente de Pesquisadores de História-UFPel: Perspectivas Teóricas Contemporâneas é uma continuação daquele colóquio promovido em 2013, no entanto, com uma ousadia positiva.

A edição de 2015 pretende ser um espaço de trocas acadêmicas não apenas entre os discentes do PPGH/UFPel como também um momento para compartilhar pesquisas com colegas de outras universidades e programas. A coordenação do PPGH/UFPel agradece a

iniciativa dos mestrandos, sobretudo daqueles que integraram a comissão organizadora, e deseja a todos os participantes um excelente encontro.

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História/UFPEL
(gestão 2013-2015)



PROGRAMAÇÃO GERAL

	21/10	22/10	23/10
Manhã 08:00 – 12:00	Simpósios Temáticos	Simpósios Temáticos	Simpósios Temáticos
Tarde 14:00 – 17:00	Confraternização	Plasmar a história: Cineclube Filme: “Um dia Nublado” Direção: Rafael Hagemeyer	Pipoca Clássica: Cineclube Filme: “300” Direção: Zack Snyder
Noite 19:00 – 21:30	Mesa Redonda: “História e Teoria: Metodologia, vertentes e procedimentos” Palestrantes: Dr ^a Carolina Kesser Dias, Dr. João Júlio Gomes e Dr. Alexandre Karsburg Mediadora: Dr ^a . Clarice Speranza	Conferência Valdei Lopes de Araújo “Os modos da historicidade: novos desafios para (e além) da historiografia”	Conferência Jurandir Malerba “De que falam os historiadores?” Filósofos no terreiro de Clío”

Local do evento:

Turno Manhã

Instituto de Ciências Humanas
Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Centro, Pelotas – RS.
Salas de acordo com o Simpósio Temático

Turno Tarde

Instituto de Ciências Humanas
Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Centro, Pelotas – RS.
Sala 352 Auditório da FAE – 3º Andar

Turno Noite

Instituto de Ciências Humanas
Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Centro, Pelotas – RS.
Sala 352 Auditório da FAE – 3º Andar

PROGRAMAÇÃO POR SIMPÓSIO TEMÁTICO

21/10

ST 02- HISTÓRIA E NARRATIVAS

- 9h15** Representação das Epidemias de Varíola na Obra de Jorge Amado.
Carolina Rehling Gonçalo
- 9h30** A crônica como fonte impressa: apontamentos sobre o cronista pelotense Alberto
Coelho da Cunha (1853-1939).
Jéssica Oliveira de Souza
- 9h45** Espaço de tensão: o *ethos* aristocrático como problema na tragédia grega.
Matheus Barros da Silva
- (INTERVALO)
- 10h45** O tempo de Canaã.
Débora Priscila Graeff
- 11h** Direito Natural *versus* Direito Positivo na obra “Antígona”, de Sófocles.
Maurício Cristiano de Azevedo
Milena Ogawa
-

ST 05 – HISTÓRIA MILITAR, HISTÓRIA DA GUERRA E REVOLTAS

- 9h30** Culto à Guerra: levantamento bibliográfico sobre a escrita da história espartana.
Ricardo Barbosa da Silva
- 9h45** Revolta dos Marinheiros: aspectos jurídicos e sociais do sorteio militar (1874-1910).
Cosme Alves Serralheiro
- (INTERVALO)
- 10h45** Resgate da Revolução Farroupilha e Homenagem Republicana no Obelisco de Pelotas.
Laura Giordani
- 11h** O caso da Nova Jacobina: A “Revolta dos Muckers” em São Lourenço do Sul/RS.
Cristiano Gehrke
-

ST 07 – HISTÓRIA E CIDADES

- 9h** O problema do cotidiano em processos-crime na Comarca de Caxias do Sul (1900-1940).
Wellington Rafael Balém
- 9h15** Grande Hotel de Pelotas: do projeto à inauguração (1921-1928).
Liara Fagundes Echart
- 9h30** A polêmica da “carteira suja” dos operários da fábrica Laneira no espaço da Justiça do
Trabalho de Pelotas na década de 1980.
Jordana Alves Pieper
- 9h45** Os homens letrados: o universo do bacharelismo político e a família em Pelotas no
século XIX: 1850 – 1870.
Leonardo Poltozi Maia
-

ST 09 – HISTÓRIA, BIOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDAS

- 10h45** Diários e escrita de si: perspectivas sobre o lazer e sociabilidades pelotenses (década
de 1950).
Letícia Portella Milan
-

11h Breve consideração teórica acerca das tendências historiográficas que analisam trajetórias individuais.

Biane Peverada Jaques

11h15 A cobertura do Diário Popular no processo de santificação do Pe. Reinaldo Wiest (1993-2015).

Ticiane Pinto Garcia

11h30 A vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Reflexões sobre a escrita da história a partir de *Plutarco Brasileiro*.

Rafael Terra Dall' Agnol

22/10

ST 01 – HISTÓRIA E MÍDIAS

9h15 Hollywood e a propaganda governamental na resistência europeia (1942 a 1945).

Maicon Alexandre Timm de Oliveira

9h30 Os anos 1930 e o sentimento de crise: representações de barbárie e civilização nos contos de Robert E. Howard sobre Conan, o Bárbaro.

Marco Antonio Correa Collares

9h45 Visões de mundo e inter-relações no movimento Hip Hop em Pelotas.

Paulo Renato Souza Ienczak

(INTERVALO)

10h45 O bruxo e a política: algumas reflexões sobre a vida de Alan Moore.

Felipe Radünz Krüger

11h A cobertura jornalísticas em decisões governamentais na Informática brasileira nos anos 1970 – o caso do DataNews e do Jornal do Brasil.

Marcelo Viana

ST 06 – HISTORIOGRAFIA DO BRASIL

9h Os cativos nos processos-crimes na Vila de Piratini (1850-1880): Homicídios, Furtos, Roubos e Insurreição.

Vinicius Cardoso Nunes

9h15 Aspectos sobre o percurso histórico do jornal enquanto fonte para a construção histórica: o caso da imprensa negra sulina com base no *O Exemplo* e *A Alvorada*.

Ângela Pereira Oliveira

9h30 Alguns apontamentos acerca das ações caritativas publicadas nos periódicos pelotenses Diário Popular e Opinião Pública (1936-1946).

Josué Eicholz

9h45 “Várias etapas diferentes de um mesmo processo”: a redemocratização de 1945 através do *Diário Popular*.

Everton da Silva Otazú

(INTERVALO)

10h45 “Carregar e Arrumar”: memória e trajetória da categoria arrumadora do Porto de Rio Grande-RS nos anos de 1955 a 1964.

Elvis Silveira Simões

11h O Porto Público de Pelotas-RS: breves apontamentos históricos sobre sua construção.

Thiago Cedrez da Silva

11h15 Um olhar arqueológico sobre livros didáticos: materialidade e conteúdo.

Felipe Nunes Nobre

11h30 Dilemas do desenvolvimento no governo JK: a ruptura com o Fundo Monetário Internacional sob à perspectiva da imprensa.

Rafael Ganster

11h45 Navio “Canopus”, Memória E Representação: Atuação Na Cidade De Rio Grande-Rs (1964).

Robert Wagner Porto da Silva Castro

ST 07.1 - HISTÓRIA E CIDADES

9h15 Parteiras madrinhas (sul do RS, 1960-1990).

Eduarda Borges da Silva

9h30 As práticas de cura no século XIX e o caso das Águas “Santas” em Santa Maria da Boca do Monte na década de 1840.

Priscila Novelim

9h45 Pelotas nas páginas do Álbum do Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

Fabiano Neis

(INTERVALO)

10h45 Homens de elite na Santa Maria da Boca do Monte dos tempos do Imperador (1822 – 1845).

Fabrcio Rigo Nicoloso

11h Perspectivas do Desenvolvimento Capitalista na América Latina: o caso dos *Conventillos* de Buenos Aires a partir das teorias da marginalidade.

Henrique De Aro Silva

11h15 “Com a metodicidade das obras de jurisprudência”: o estatuto do julgamento histórico nas críticas à *Guerra civil no Rio Grande do Sul* (1881), de Tristão de Alencar Araripe.

Juliano Francesco Antonioli

23/10

ST 03 - HISTÓRIA, GÊNERO E SEXUALIDADE

9h15 O discurso homofóbico: História e relações de poder.

Anderson da Cruz Nunes

9h30 O sonho de ser “Miss Mulata” na representação de beleza e raça (1969-1999), RS.

Beatriz Floôr Quadrado

9h45 Tejiendo Saberes y Prácticasen una *Farmacinha Viva* del MST. Memoria e historia oral de mujeresdelassentamiento 12 de julio sobre el uso de hierbasmedicinales.

Marcela Paz Carrasco Rodriguez

(INTERVALO)

10h45 Feminismo e visibilidade da mulher nos espaços de poder no Brasil da década de 1980.

Aline Silveira Flores

11h História, gênero e imagens: a construção do feminino na pintura barroca.

Cristine Tedesco

ST 04 – MÉTODOS E METODOLOGIAS

9h Prosopografia: um método interdisciplinar.

Fabiola Peres de Souza

9h15 História Cultural e História da Educação: estado da arte acerca deste campo teórico metodológico.

Renata Brião de Castro

Patrícia Weiduschadt

9h30 Por um Norte medieval historicizado: estudos medievalistas do Norte europeu e o estado da questão no Brasil.

Amanda Basilio Santos

9h45 Biblioteca Nacional da França e World Wide Web: uma pesquisa sobre danças de corte na França de Francisco I a Luís XIV.

Bruno Blois Nunes

(INTERVALO)

10h45 Proposições teórico-metodológicas para a História das Ideias.

Renata Baldin Maciel

11h A musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Juliana Sabrine Braga Ulguim

11h15 A evolução do conceito de fontes históricas a partir da Nova História Cultural e o estudo de cartas.

Gustavo Figueira Andrade

11h30 Conhecendo uma elite política local através da metodologia prosopográfica: os vereadores de Canoas/RS entre 1961 e 1965.

Anderson Vargas Torres

11h45 Procedimentos relacionais na pesquisa histórica: Um debate conceitual a partir do trotskismo brasileiro e estadunidense na década de 1930.

Roberto Borges Lisboa

ST 08 – TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

9h15 Considerações sobre o “fim”: arte, história e filosofia na teoria de Arthur Danto.

Diana Silveira de Almeida

9h30 Trauma: pensando a historiografia estadunidense sobre a bomba atômica.

Mario Marcello Neto

09h45 A visão Historiográfica de Alfredo Pimenta.

Jussemar Weiss Golçalves

Alesson Ramon Rota

(INTERVALO)

10h45 Memória, escrita da história e história da historiografia: reflexão e problematização.

Eduardo Luis Flach Käfer

11h Hartog leu Koselleck: breves reflexões sobre *experiências de tempo* e História do Tempo Presente.

Renato de Araújo Monteiro

11h15 Marcelino Freire e a nova paisagem da escrita.

Tatiana de Almeida Nunes da Costa

11h30 Identidades em construção: J. de Figueiredo Filho e O Cariri Cearense.

Hildebrando Maciel Alves

Simpósio Temático 01:
HISTÓRIA E MÍDIAS

Hollywood e a propaganda governamental na resistência europeia (1942 a 1945)

Maicon Alexandre Timm de Oliveira
Graduado em História Licenciatura - UFPEL

O século XIX viu o florescer de novos inventos que transformariam a vida do homem, um deles o cinema, este atribuído aos irmãos Lumière, suas películas apesar de poucos segundos foram capazes de provocar grande euforia no público que acompanhava aquelas imagens, do momento dessa exibição em diante o cinema ganharia o mundo, transformando-se em um entretenimento das massas. Seu poder de influência era tão grande que chamou atenção de chefes de estados para a sua capacidade de difundir ideologias oficiais. A relação história e cinema ganha destaque quando Marc Ferro em 1970 faz referência à importância da incorporação dos filmes as fontes do historiador, todo este movimento pró-cinema transforma o ofício do historiador ao lhe dar novas formas de trabalhar com o conhecimento humano. O filme se mostra como um verdadeiro revelador do contexto da sociedade que o produziu, contribuindo assim para construir uma nova história. O cinema entra no cenário político ainda durante a primeira guerra mundial, quando ainda de forma limitada passa a ser utilizado como propagando governamental. A incorporação de películas as ideologias das nações passa a ser bem definido nos anos que antecedem a segunda guerra mundial, quando filmes são produzidos com intenção de mobilizar e convencer as pessoas. Hitler se utilizou muito bem desse fator para espalhar suas ideologias, mas não seria apenas os estados totalitários que se utilizariam do cinema, os Estados Unidos a principal democracia, também passaria a divulgar suas proposições políticas pelos filmes. Theodor Roosevelt e quem melhor soube utilizar o cinema a seu favor, do momento em que assume o poder, os filmes de Hollywood passam a apresentar os ideais norte-americanos como *New Deal*, *American Dream* e *American way of life*. Durante a segunda guerra mundial Hollywood seguia as ordens de Washington, inicialmente alertou o perigo nazista, depois explicou a entrada na guerra, passou a glorificar a nação e seus soldados, trazendo um senso patriótico para a população. Uma peculiaridade foi à utilização de uma serie de filmes, cujo contexto em nada se refere aos Estados unidos, pois este conjunto de películas tem como enredo a resistência europeia ao nazismo, mas o que realmente ocorre e uma glorificação para com os norte-americanos.

Palavras-chave: Cinema; História; Política.

Os anos 1930 e o sentimento de crise: representações de barbárie e civilização nos contos de Robert E. Howard sobre Conan, o Bárbaro

Marco Antonio Correa Collares
Mestrando em História - UFPel

Esse artigo versa sobre algumas representações em torno das concepções de civilização e barbárie nos contos de Conan, o Bárbaro, escritos pelo texano Robert Ervin Howard. No total foram dezessete contos escritos entre os anos de 1932 e 1936, todos publicados na revista *pulp*, *Weird Tales* (Contos Estranhos), sendo o tema da contraposição entre civilização e barbárie o mais destacado e interessante. Possuindo uma visão bastante pessoal no que tange ao tema, Howard veiculou representações sobre o que considerava ser a decadência das

civilizações históricas ao longo do tempo, o que sugere não somente uma visão ideológica de sua parte, mas igualmente a expressão de um sentimento de crise diante de seu próprio contexto, o da grande depressão dos anos 1930. A literatura howardiana em torno do personagem Conan não evidencia somente um mundo fantástico embebido em violência escapista, como muitas vezes se depreende nas mídias especializadas ou opiniões do senso comum sobre o personagem, mas sim alguns temas relevantes para a compreensão do contexto histórico dos anos da grande depressão, quando os supracitados contos foram veiculados.

Palavras-chave: Barbárie; Civilização; Conan.

Visões de mundo e inter-relações no movimento Hip Hop em Pelotas

Paulo Renato Souza Ienczak
Mestrando do PPGH – UFPEL

O Hip Hop além de um movimento cultural possui relação com a política, sendo comum entre seus adeptos um posicionamento acerca de questões consideradas polêmicas, ou então sobre assuntos com pouca visibilidade na sociedade e que são abordados nas letras de rap. Seu modo de fazer política está mais relacionado a um engajamento em favor de causas sociais e contra a pobreza, o racismo e os demais problemas pelos quais passam os indivíduos periféricos. O Mc (abreviação para mestre de cerimônias) é aquele que faz as rimas, canta os raps, apresenta as atrações durante os eventos, faz rimas improvisadas (freestyles). Há também outras nomenclaturas criadas para enfatizar o lado do compromisso social e de conteúdo lírico dos Mcs, como “Maluco Consciente” ou “Mestre de Consciências”. É comum ocorrerem discursos de cunho político durante os shows, seja em forma de rimas improvisadas ou apenas o discurso em si. Sendo assim, passa pela identidade de muitos praticantes e admiradores da música rap e do Hip Hop a consciência social, sendo até mesmo considerado o quinto elemento do Hip Hop o conhecimento (os outros quatro são o Mc, o Dj, o Break e o Graffiti). Através de entrevistas de História Oral é possível identificar como estes indivíduos constroem suas identidades a partir do envolvimento com a cultura e as artes. Além da parte estética preocupam-se também em ter um compromisso social. Muitas manifestações do universo Hip Hop além de arte servem também como um fórum de discussão para diversos assuntos, desde problemas pessoais até temáticas de interesse público como a (des)criminalização das drogas, o papel dos meios de comunicação, as relações entre as classe sociais, entre outros.

Palavras-chave: Hip Hop; rap; História oral.

O bruxo e a política: algumas reflexões sobre a vida de Alan Moore

Felipe Radünz Krüger
Mestre em História

As obras do britânico Alan Moore atraem a atenção de pesquisadores de todo mundo, devido, principalmente, à riqueza e ao grande número de possibilidades interpretativas de sua produção. Nesse sentido, o presente artigo tem como escopo apresentar uma série de aspectos da vida e obra de Moore para auxiliar futuras pesquisas. Além disso, estabelecemos a relação entre o autor e elementos sociais, culturais e políticos da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Alan Moore; pós-modernidade; Inglaterra; contracultura.

A cobertura jornalísticas em decisões governamentais na Informática brasileira nos anos 1970 – o caso do DataNews e do Jornal do Brasil.

Marcelo Viana
Doutorando – PUCRS

O agravamento da crise da balança de pagamentos em 1975 trouxe a necessidade do Estado em tomar uma série de medidas restritivas de importações. Entre elas, estava a redefinição das atribuições da Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (CAPRE), órgão criado em 1972, dotando-a de poderes no controle de computadores e periféricos no país. *Locus* privilegiado para gestar uma *policy* para desenvolver uma indústria nacional de computadores, a CAPRE foi um espaço para materializar o discurso de autonomia tecnológica presente na comunidade técnico-científica. Logo as ações da CAPRE atraíram a atenção da Imprensa, tanto nos grandes veículos de comunicação, quanto na Imprensa especializada, suscitando notícias sobre as principais decisões tomadas pelo órgão – ainda que fosse considerado um tema difícil ao grande público. Nosso objetivo é discutir algumas características dessas coberturas, como crítica das fontes jornalísticas, pontuando as convergências e divergências entre duas publicações: Jornal do Brasil e DataNews. A primeira, ao representar a grande Imprensa, traz uma abordagem muitas vezes contrária ao processo, na esteira das críticas que marcaram o rompimento do empresariado com o governo com a crise do II PND; a outra, dedicada a um público especializado, responde de maneira favorável. No entanto, observe-se que não se trata de mera polarização, mas de diferenças muitas vezes impostas pela especialização do tema. Em suma, ao publicizar as ações da CAPRE, não só viabilizaram um espaço a ser ocupado pelos defensores de uma política de autonomia tecnológica (muitas vezes através de um discurso tecnopolítico), mas também mostram as intenções dos periódicos em influenciar os rumos da Informática no país.

Palavras-chave: Jornalismo; Informática; Autonomia tecnológica.

Simpósio Temático 02:
HISTÓRIA E NARRATIVAS

A Representação das Epidemias de Varíola na Obra de Jorge Amado

Carolina Rehling Gonçalo
Pós-Graduação - UFPel

Este trabalho propõe-se a discutir a representação das epidemias de Varíola na obra de Jorge Amado, romancista baiano, no período compreendido entre 1900 a 1930. Jorge Amado viveu seus primeiros anos em Ilhéus e sua adolescência na capital baiana Salvador, essas cidades refletem sua importância para o autor em suas obras, pois na maioria de seus romances, são o cenário da narrativa. Em Salvador, Amado pode conviver com pessoas de diferentes classes sociais como homens trabalhadores do porto, prostitutas, meninos de rua, boêmios e malandros, assim como com artistas ilustres, políticos abastados e a denominada elite baiana da época. Com isso, esses “personagens” povoam suas obras tendo como seus heróis todos os menos favorecidos, os rejeitados pela sociedade. Em: *O menino grapiúna*, Jorge conta o

porquê de seus personagens serem sempre “bexiguentos” com marcas da varíola. O autor confessa a existência desses personagens devido as muitas vezes em que passou ileso pelas epidemias da doença e pelo assombro gerado pelas marcas deixadas nas pessoas com as quais ele conviveu na infância. O medo causado pelas marcas e os rumores da varíola assombavam o menino grapiúna. A verossimilhança da literatura de Amado é comparada com artigos acadêmicos que tratam das epidemias nos anos narrados pelo romance. Para tanto, a literatura será utilizada como objeto social, Lajolo (1989), bem como obra literária definida por Candido (2006), como algo que depende estritamente do autor/artista das suas condições sociais e de sua posição, refletindo seus valores sociais e suas ideologias. Na mesma perspectiva, é empregado aqui o conceito de representação de Chartier (2002), no qual a representação e o ato de representar estão imbuídos de relações de poder, que envolve quem pode representar, o que se quer representar tendo como resultado uma posição assumida que jamais é neutra.

Palavras-chave: Representação; Epidemias de Varíola; Jorge Amado.

A crônica como fonte impressa: apontamentos sobre o cronista pelotense Alberto Coelho da Cunha (1853-1939)

Jéssica Oliveira de Souza
Mestranda em História – UFPel

A crônica é um gênero da literatura popularizado no século XX, com o surgimento da imprensa. Sua produção está vinculada aos periódicos, por isso é breve e costumeiramente aborda temas sensíveis ao urbano. O presente trabalho aborda parte da produção do escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha (1853-1939), mais especificamente sua coletânea denominada “Antigualhas de Pelotas”. A pesquisa se desenvolve a partir da análise dos documentos produzidos por Alberto que se encontram salvaguardados na Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) e no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPEL). A comunicação discute o emprego de uma fonte impressa peculiar para o estudo da história, vista da perspectiva das representações urbanas.

Palavras-chave: Crônica; Pelotas; História.

Espaço de tensão: o *ethos* aristocrático como problema na tragédia grega

Matheus Barros da Silva
Mestrando – UFPel

A presente proposta de comunicação visa explorar a problemática do *ethos* aristocrático como ponto de debate nas estruturas da tragédia grega. Para isso, recorreremos à leitura de três obras de Sófocles, *Ájax* (445), *Antígone* (442) e *Filoctetes* (409). Nosso modelo interpretativo parte de um horizonte teórico que compreende a tragédia como espetáculo citadino, integrada na pólis clássica e em suas instituições democráticas (SEGAL, 1994, p. 193). Com efeito, compreendemos que o momento histórico da tragédia é aquele em que no centro da experiência psicológica do homem grego abre-se uma distância entre o *ethos* arcaico aristocrático e aquele próprio às formas isonômicas de organização da vida social. Esta distância, no entanto, não é profunda o suficiente para que não se faça sentir um ponto de tensão entre aqueles polos, bem como um confronto de valores (VERNANT, 2011, p. 4). Em

suma, considerando que uma das funções do fenômeno trágico seria realizar um reexame acerca do *ethos* aristocrático à luz das exigências e práticas da pólis isonômica, procuraremos pinçar nas peças citadas momentos que nos revelem sobre aquela tensão, e de que forma fora articulada no interior destes textos.

Palavras-chave: ethos aristocrático; tragédia; isonomia.

O tempo de Canaã

Débora Priscila Graeff

Mestranda - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Na obra *Canaã* (1902), Graça Aranha construiu sua visão sobre os modos de perceber o tempo humano. É principalmente através dos diálogos entre as personagens que demonstra essa concepção, algumas vezes contida também na narração. Entendendo que a construção do tempo humano é articulado de modo narrativo, partimos principalmente da proposta de Paul Ricoeur (1994) que, em *Tempo e narrativa*, analisa o desenvolvimento das concepções de tempo nas narrativas de ficção e histórica. O autor compreende que essa temática é um ponto comum nas duas formas e elas “se servem uma da outra para regular o tempo” (p.316). Assim, este trabalho pretende analisar a concepção de tempo que Aranha desenvolve em *Canaã* e a maneira que o autor dialoga com as concepções do período. Carlos Armani (2010) mostra que na passagem do século XIX para o XX o tempo era calculado e o devir uma grande preocupação dos intelectuais do período. A filosofia positivista sustentava que a história universal era regida por fases, com leis que regulavam suas sucessões. O romance *Canaã* se passa na cidade fictícia de Porto do Cachoeiro – ES e aborda principalmente as visões e ações de Milkau e Lentz, imigrantes alemães que, na tentativa de um recomeço, deixam seu passado e colocam suas esperanças que o local se torne a sociedade que cada um considera a ideal. Assim, o autor trabalha também com o modo como percebe a relação do passado e do futuro naquele presente que destaca. Através dos diálogos expõe as diferentes visões das personagens e ao longo do romance constrói sua concepção de tempo dialogando com as de seu contexto, como o da natureza – que atribui aos nativos – e o da experiência e espera – medida de Milkau, que traz sua trajetória através das mortes, estudos ou viagens, mas tem seu enfoque maior para a progressão do futuro.

Palavras-chave: Tempo; narrativa; Canaã.

Direito Natural *versus* Direito Positivo na obra “Antígona”, de Sófocles

Milena Rosa Araújo Ogawa

Mestranda - Universidade Federal de Pelotas

Maurício Cristiano de Azevedo

Doutorando – UFSM

Este trabalho objetiva analisar a obra *Antígona* (*Antigone*), escrita pelo poeta Sófocles (*Sophocles*) - (495 - 406 a. C.), como forma de tematizar a questão dos Direitos Humanos. Em especial, queremos demonstrar, por meio do embate entre as noções de Direito Natural e Direito Positivo, o conflito central que se encontra na referida fonte. Utilizaremos, para tal intuito, como abordagem metodológica, a análise de conteúdo de Laurence Bardin (1979). O

trabalho está dividido em três etapas: a primeira parte contempla uma abordagem da estética da recepção e vale-se dela e de sua análise para, então, deslocarmo-nos da Antígona, como centro de interesse, em direção aos impactos causados sobre o leitor, sendo veículo para compreensão da peça a partir de uma reflexão histórica; o segundo momento faz um breve apanhado sobre Sófocles e o contexto de produção da obra; e a última fase debate as noções de Direito Natural e Direito Positivo na peça em questão, como forma de situar a problemática dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Direitos Naturais; Antígona.

<p style="text-align: center;">Simpósio Temático 03: <i>HISTÓRIA, GÊNERO E SEXUALIDADE</i></p>

O discurso homofóbico: História e relações de poder

Anderson da Cruz Nunes
Mestrando em História - Universidade Federal de Pelotas

O discurso normativo acerca de sexualidade vigorou de forma violenta durante o período chamado de Modernidade. A heterossexualidade, pautada nos mecanismos de reprodução, foi construída como verdade pelas mais diferentes instituições do Estado. Nesse contexto, todas as diversas manifestações do desejo e do afeto humano que não se enquadravam nesse modelo foram relegadas às margens da sociedade. Dessa forma, a homossexualidade foi construída discursivamente como não saudável e ilegítima. Assim, homens e mulheres foram tratados como pecadores, criminosos ou doentes. Esse fato fez com que se estabelecesse uma hierarquia das formas de ser e amar. Nessa perspectiva, entendemos as temáticas de gêneros e sexualidades como saberes construídos por relações de poder que classifica, institui e julga os prazeres humanos. Nossa proposta de trabalho tem por objetivo refletir acerca do Discurso Homofóbico, estabelecido pelas relações de poder no Brasil contemporâneo. Além disso, buscamos entender as potencialidades dos estudos do discurso no tocante à temática da sexualidade no campo da História. Para isso, pretendemos realizar um diálogo entre autores que se debruçaram em torno das pesquisas acerca do discurso e da sexualidade. Assim, os Trabalhos de Foucault e Durval vêm a contribuir de forma significativa para nossa reflexão. Nessa perspectiva, Durval (2009) nos ajuda a pensar acerca das diferenças entre os discursos e os pronunciamentos. O espaço a estratégia de cada um desses conceitos na circulação dos saberes. Nesse sentido, Foucault (2010) entende o discurso como “luta” pelos sentidos de determinado objeto. Então, estamos diante de saberes construídos que se movimentam sempre através das relações de poder dos sujeitos e das instituições. Descrevê-lo, interpretá-lo e inseri-lo no tempo se converte em grande ferramenta de crítica aos fenômenos homofóbicos que ocorrem na nossa sociedade há séculos.

Palavras-chave: homofobia; discurso; homossexualidade.

O sonho de ser “Miss Mulata” na representação de beleza e raça (1969-1999), RS

Beatriz Floôr Quadrado
Mestranda em História – UFPel

A pesquisa tem como temática um concurso de beleza denominado “Miss Mulata”, o qual tinha como objetivo a valorização da mulher negra. O concurso tem origem em Arroio Grande (RS) no ano de 1969, é fundado por Antônio Carlos da conceição, o qual se denomina como um “negro, mas não puro”. A pesquisa se propõe à analisar as questões que envolvem a construção da representação da mulata no imaginário brasileiro, assim como, a construção de beleza e representação neste concurso. Busca-se compreender até que ponto o concurso pode contribuir para o fim do racismo e preconceitos sobre a mulher negra nas regiões que abrange, levando em conta, principalmente a terminologia utilizada para denominação do mesmo? O trabalho observa a trajetória do idealizador do concurso, para entender a utilização de terminologia e inspiração para a origem do Miss Mulata; além de Deise Nunes, a Miss Brasil de 1986, símbolo de beleza para muitas mulheres negras arroiograndenses, devido, também, ao fato de participar como representante da cidade no Miss Mulata de 1983. Então, é relevante pensar estas representações no que tange a raça e gênero para o grupo analisado, ou seja, candidatas e eleitas no Miss Mulata, além de organizadores. Para isso, a principal metodologia utilizada é a História Oral, mas também a pesquisa em jornais.

Palavras-chave: Mulata; beleza; representação.

Tejiendo Saberes y Prácticas en una Farmacinha Viva del MST. Memoria e historia oral de mujeres del asentamiento 12 de julio sobre el uso de hierbas medicinales.

Marcela Paz Carrasco Rodriguez
Mestranda - UFPel

El siguiente proyecto de investigación tiene como objetivo tejer la memoria e historia oral de las mujeres de la *Farmacinha Viva del Asentamiento 12 de Julio*, del Movimiento de trabajadores rurales sin tierra (MST), al interior del municipio de Cañucu, localizado en la región sur del Estado de Rio Grande del Sur (RS), Brasil. Experiencias y sabios conocimientos populares de mujeres sobre hierbas medicinales que se transmiten oralmente y de generación en generación, las convierten en socio-transmisoras de un saber-hacer, a la vez que comparten marcos sociales y una metamemoria en común. Nuestra mirada no será neutra ni objetiva, y se desarrollara desde un enfoque feminista.

Palavras-chave: memoria; mujeres; hierbas medicinales.

Feminismo e visibilidade da mulher nos espaços de poder no Brasil da década de 1980.

Aline Silveira Flores
Mestranda em História - UFSM

A visibilidade dada à mulher na História é recente, afinal durante muito tempo apenas os homens foram considerados como sujeitos históricos. Eram estes que ocupavam os espaços públicos e cargos políticos, estando ao centro das decisões de poder. Já o lugar da mulher era no lar, cuidando da família e da casa. A elas eram impostas as alternativas do casamento e da maternidade e, durante sua infância e adolescência, eram preparadas para estas tarefas, vista sempre como um ser “puro”, que não podia estar em lugares públicos, masculinos por excelência, para não corromper a sua suposta “pureza”. Isto fazia com que elas, além de serem consideradas impossibilitadas de participar das discussões políticas, fossem consideradas incapacitadas de estarem nos espaços de ativismo político. Neste sentido, o presente trabalho, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade

Federal de Santa Maria, busca problematizar a recente inversão de perspectivas tradicionais que realocam a mulher como sujeito de sua própria História, como indicou COLLING (2004). Isto significa abordar questões relativas à diferença sexual, utilizando a categoria de gênero e também as relações de poder, envolvendo o ativismo militante na luta pela ampliação de seus direitos e pela participação nos espaços políticos da sociedade brasileira no processo de redemocratização. Para tanto, a discussão será desenvolvida utilizando como ponto de referência a participação política das mulheres nas décadas de 1970 e 1980, momento de efervescência do movimento feminista no Brasil e de construção por parte desse movimento na participação do Partido dos Trabalhadores. Assim, espera-se indicar as bandeiras feministas levantadas pelo movimento na construção do partido, como a igualdade de sexos, a valorização da mão-de-obra feminina e melhores condições de trabalho e, também, a crescente participação de mulheres nas esferas de poder no PT. Ou seja, esta comunicação tem o intuito de discutir a incorporação da mulher como sujeito, utilizando como pano de fundo o movimento feminista dos anos 1970 e a opção de parte desse movimento pela participação na construção de um partido político.

Palavras-chave: Gênero; Feminismo; Ativismo Político.

História, gênero e imagens: a construção do feminino na pintura barroca

Cristine Tedesco

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS

No presente texto analisaremos um conjunto de pinturas produzidas por Artemísia Lomi Gentileschi (1593-1654) e outros artistas de seu tempo com o objetivo de discutir como se construíram as diferentes perspectivas sobre o feminino a partir de imagens pictóricas do período barroco. Também trabalhamos com as cartas de Artemísia, endereçada a negociantes de suas obras – entre eles mercadores, duques, membros de academias de arte e mecenas da Península Itálica. As cartas da artista elucidam questões interessantes não apenas sobre sua vida cotidiana, mas também sobre sua atuação no mundo das artes. As cartas ainda revelam a rede de relações que Artemísia construiu com colecionares de arte, como Cassiano dal Pozzo (1588-1657) – um dos responsáveis pelo desenvolvimento da vida artística romana da época e um dos mais importantes mecenas italianos do século XVII. Ao analisarmos as fontes escritas e imagéticas fomos norteados por um questionamento: se o sujeito se constrói e se representa na escrita, poderia fazê-lo também em imagens? Dessa forma, o artigo desenvolve uma reflexão sobre como a obra de Artemísia contribui para pensar sua trajetória biográfica, seu tempo e como as questões de *gênero* se configuram nas narrativas tanto escrita como imagética da pintora. Considerando a dimensão visual um importante instrumento para a escrita da História, nos aproximamos dos estudos de Ulpiano Bezerra de Meneses (2005). Para o autor, além de não reduzi-las a documentos, é necessário considerar que as imagens executam papéis de atores sociais. Nesse sentido, pensar os efeitos da dimensão visual requer lembrar que as imagens não apenas representam o passado, mas também ajudam a construí-lo.

Palavras-chave: História; Gênero; Imagens.

Simpósio Temático 04:
MÉTODOS E METODOLOGIAS

Prosopografia: um método interdisciplinar

Fabíola Peres de Souza
Bacharel em História - UFPel

Produzir conhecimento não é tarefa fácil, mesmo contando com as facilidades proporcionadas pela tecnologia. A crescente preocupação na preservação dos arquivos documentais responsáveis por salvaguardar a nossa História nos leva a concluir que ainda há muito a ser realizado, principalmente, no que tange à interdisciplinaridade e à apropriação de conceitos entre as diversas áreas do saber. Contudo, só as fontes não asseguram uma historiografia de qualidade. Para efetivamente atingir-se o conhecimento em bases científicas, pesquisa e teoria são imprescindíveis. Portanto, o investigador deve estar aberto a aventurar-se em outras áreas de conhecimento. Neste sentido, o presente texto procura incitar o pesquisador a abrir seu horizonte epistemológico às possibilidades aportadas pela interdisciplinaridade. A História, no senso comum, seria a disciplina responsável pelo estudo de assuntos do passado. Há quem legitime essa postura entre os muros acadêmicos. Mas já nos alertava Karl Marx sobre as dificuldades dos indivíduos em produzir a História do tempo presente, pois estariam comprometidos em sua subjetividade. Os conflitos em buscar coerência no tripé composto por pesquisa, método e teoria são recorrentes. Portanto, ao seguir um ideal interdisciplinar, a historiografia poderia utilizar-se de outras áreas, não só das denominadas ciências humanas, mas também das ciências exatas. A História quantitativa não é novidade, porém ainda é vista com certo receio. A própria nomeação de “quantitativa”, para os desavisados, ainda é tomada como sinônimo de pouca concentração teórica. Na segunda fase da Escola dos *Analles*, entre 1950 e 1970, surge a história quantitativa. Aplicada inicialmente no campo econômico com ênfase na história dos preços, posteriormente foi utilizada na história social e demográfica. O nome mais lembrado na história quantitativa é o do historiador Ernest Labrousse. Entre os métodos mais eficazes para trabalhar com a história quantitativa está a prosopografia, aplicada normalmente a um grupo de pessoas com características comuns, sendo possível examinar traços como filiação, escolaridade, vínculos empregatícios e relações interpessoais, dentre outros. A partir deste levantamento de dados há uma imensidão de possibilidades e abordagens teóricas, possibilitando ao historiador um diálogo direto com outras áreas do conhecimento. Por fim, a partir do uso do método prosopográfico é facultado ao pesquisador aplicar conceitos como aqueles empregados na Sociologia, na Ciência Política (estrutura versus agente) e na própria Matemática ao apresentar seus resultados em termos estatísticos, antropológicos e políticos, dentre outros.

Palavras-chave: História quantitativa, Prosopografia, Interdisciplinaridade.

História Cultural e História da Educação: estado da arte acerca deste campo teórico metodológico

Renata Brião de Castro
Mestranda em Educação – UFPel

Patrícia Weiduschadt
Doutora em Educação

Este trabalho tem por objetivo trazer um panorama dos trabalhos desenvolvidos no campo da História da Educação e que tenham como perspectiva teórica a corrente historiográfica da história cultural. O estudo faz uma busca desses referidos trabalhos que entrelaçam história

cultural nas pesquisas em História da Educação tendo por base anais de eventos na área da História da Educação que são eles: Associação Nacional de Pós Graduação em Educação (ANPED) no GT de História da Educação, Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação e os anais dos encontros da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Dessa forma o presente trabalho apresentará um estado da arte acerca desses trabalhos encontrados. Tendo em vista que nos últimos anos há crescido a quantidade de trabalhos na área da História da Educação que adotam a teoria da história cultural torna-se relevante conhecer o que há de produção nesse sentido à fins de qualificar pesquisas futuras. No que se refere às questões de ordem metodológica o trabalho estará estruturado da seguinte maneira: primeiro teorizações acerca da história cultural e do campo da história da educação e posteriormente dividido pelos eventos acima elencadas o que se encontrou de trabalhos da área da História da Educação que utilizam a perspectiva da História Cultural, no terceiro momento uma análise desses dados. a fim de efetuar a busca dos trabalhos está sendo lido os títulos e os resumos e as palavras chave dos trabalhos de cada evento elencado acima. Para referendar História Cultural utiliza-se principalmente de autores como Pesavento (2004) e Burke (2005), no que tange a História da Educação busca-se apoio em Lopes e Galvão (2004).

Palavras-chave: História cultural; História da Educação; estado da arte.

Por um Norte medieval historicizado: estudos medievalistas do Norte europeu e o estado da questão no Brasil.

Amanda Basilio Santos
Mestranda em História - UFPel, Especialização em Artes - UFPel.

Este trabalho pretende abordar o estado da questão nos estudos medievais que dedicam-se à análise histórica do norte europeu no período medieval, assim como discutir o aprofundamento do entendimento destas regiões através da ampliação das fontes utilizadas pelos historiadores, concentrando-se principalmente em discussões do uso de fontes materiais e iconográficas. Pretendemos deste modo, traçar um breve apanhado do desenvolvimento da historiografia europeia neste sentido, assim como discutir a ampliação do interesse dos pesquisadores brasileiros por esta área em questão nos últimos anos, destacando a criação de núcleos de pesquisas direcionados ao estudo do norte da Europa na Idade Média, em especial o NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos) e o NEIBRAM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo), assim como discutiremos possíveis motivos de tal dilatação temática. Por um longo período os estudos medievais no Brasil estiveram concentrados na Península Ibérica ou na França, mas hoje este panorama modificou-se profundamente. Em parte isto deve-se ao acesso às fontes e ao material bibliográfico permitido pelo uso da internet - em especial os bancos de dados digitais - pelos pesquisadores brasileiros que trabalham com o medievo, que só cresce nos últimos anos. É intencionado, desta forma, discutir brevemente o papel da internet nos estudos medievalísticos no Brasil, em especial no que tange a diversificação geográfica das pesquisas alcançada nos últimos anos.

Palavras-chave: Medievo; Historiografia; Estudos Medievais.

Biblioteca Nacional da França e World Wide Web: uma pesquisa sobre danças de corte na França de Francisco I a Luís XIV

Bruno Blois Nunes
Mestrando em História – UFPel

O trabalho, ora apresentado, aborda o uso da Internet para a viabilização de uma pesquisa histórica sobre a dança de corte francesa do reinado de Francisco I a Luís XIV, cujas fontes de pesquisa não estão disponíveis no Brasil. Com o acesso ao site da Biblioteca Nacional da França, foram encontrados manuscritos, memórias, livros, tratados de dança e imagens produzidos nos séculos em questão que servirão de fontes primárias para o estudo. Além do acesso *online*, existe a possibilidade de fazer o *download* desses documentos, em sua totalidade, gratuitamente. As bibliotecas, instituições que tem o dever de preservar seu acervo histórico, também se utilizam dos navegadores como meio de disponibilizar seus documentos ao público em geral e com isso reduzir o manuseio decorrente da pesquisa *in loco*. Com poucos cliques, diversos materiais de pesquisa podem ser acessados em instituições de guarda de acervos históricos espalhadas pelo mundo todo. Foi o avanço da tecnologia que permitiu a disponibilização desses trabalhos por meio da reprodução digitalizada dos mesmos. O uso do *scanner*, copiando os documentos para um espaço online, evita o manuseio excessivo de obras bastante deterioradas pela ação do tempo. Algumas dessas obras têm, no seu original, difíceis interpretações seja por serem manuscritas, pela fonte tipográfica ser de tamanho reduzido ou pela dificuldade na tradução do idioma. Entretanto, a maioria delas possui condições de tradução e pesquisa. Dessa maneira, a Biblioteca Nacional da França será nosso principal local para a pesquisa, realizada de forma virtual, de fontes primárias sobre o assunto que tem como foco as danças de corte na França de Francisco I a Luís XIV.

Palavras-chave: Biblioteca Nacional da França; Internet; danças de corte francesa.

Proposições teórico-metodológicas para a História das Ideias

Renata Baldin Maciel
Doutoranda em História – UFSM

Primeiramente faz-se necessário salientar que as questões tratadas nesse artigo são resultados da pesquisa realizada em minha Dissertação de Mestrado defendida em 2014 no PPGH/UFSM, RS, com apoio da FAPERGS/CAPES. Do mesmo modo, destaca-se a relação dessa proposta com minha Tese de doutorado em andamento, a qual encontra-se vinculada a mesma Instituição com financiamento da CAPES. Essas discussões também fazem parte do Projeto de Pesquisa História Intelectual e Processos de Identificação Cultural e do Grupo de Pesquisa História Intelectual nos Séculos 19 e 20: Filosofia, Cultura, Política, ambos coordenados pelo Prof^o Dr. Carlos Henrique Armani. Há um conjunto de escritores no final do século XIX e início do século XX que possuem filosofias da história semelhantes, no sentido de realizaram uma leitura do mundo ocidental que colocam a América Latina em evidência nesse universo. Mesmo considerando as especificidades de suas narrativas, pode-se dizer que esses intelectuais formaram uma espécie de rede que remete a um contexto de mundo compartilhado, ou seja, que envolve problemáticas comuns ou influências teóricas semelhantes. Dessa forma, propõe-se discutir alguns pressupostos teóricos e metodológicos relacionados à História das Ideias utilizados na interpretação das narrativas históricas de Manoel Bomfim e José Enrique Rodó que apresentam em comum uma filosofia da História enquanto jogos de linguagem para definir a América Latina na história da civilização ocidental. Nesse sentido, os níveis contextuais para interpretação dos textos históricos de Dominick LaCapra, as noções de espaço de experiência e de horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck, bem como alguns preceitos da Hermenêutica serão apresentados nesse

artigo como possibilidades interpretativas de investigações vinculadas a História das Ideias. Nesse sentido procura-se também demonstrar que a própria teoria pode ser aplicada enquanto metodologia para estudos nessa área que, por sua vez, desde Lovejoy à LaCapra tem apresentado amplas discussões a respeito das ideias-unidades, dos atos de fala, da intencionalidade, dos contextos, entre outros elementos interessantes de serem considerados para quem nessa área de aventura.

Palavras-chave: História das Ideias; Intelectuais; América Latina.

A musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

Juliana Sabrine Braga Ulguim
Mestranda em História – UFPel

Os acervos arqueológicos sempre estiveram presentes no universo museológico. Desde as primeiras coleções, passando pela criação dos museus de história natural, até hoje, com museus criados exclusivamente para a salvaguarda, pesquisa e extroversão desses acervos. O objetivo central desta pesquisa é analisar como se deu o processo da musealização da arqueologia a partir de dois exemplos: o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) cujo enfoque é a História Natural e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) próprio de arqueologia, os quais trabalham com a arqueologia de maneiras diferentes. O começo da pesquisa se deu a partir do olhar de três pesquisadores com formações e perfis distintas. Eles foram entrevistados sobre suas trajetórias, sobre como esses museus estiveram envolvidos em suas pesquisas em algum momento. Parte desta pesquisa resultou no Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal de Pelotas intitulado “O olhar de três pesquisadores sobre a musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville” e prossegue com o projeto de mestrado em História pela UFPel denominado “A musealização da arqueologia em dois museus brasileiros: O Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville”. No seguimento da pesquisa pretende-se, através de entrevistas semiestruturadas, analisar através da equipe desses dois museus como os acervos arqueológicos são apresentados assim como o impacto que essa apresentação, digamos assim, tem com o público visitante desses museus.

Palavras-chave: acervos arqueológicos; Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

A evolução do conceito de fontes históricas a partir da nova história cultural e o estudo de cartas

Gustavo Figueira Andrade
Mestrando em História – UFSM

Este trabalho busca compreender e discutir a evolução do conceito de fontes a partir da ampliação teórico-metodológica ocorrida com a Escola dos Annales, focando principalmente as transformações acontecidas a partir da década de 1980 do século XX com o surgimento da Nova História Cultural e as inovações ocorridas na historiografia, dentre elas a Nova História

Política. São discutidos aspectos diversos, incluindo as abordagens teóricas desenvolvidas por essa historiografia para compreender como a utilização de cartas como fontes históricas ganham papel de destaque e como são pensadas pela historiografia recente. Busca-se portanto, inserir o estudo sobre cartas num contexto mais amplo de transformações que orientam a abordagem do historiador sobre estas fontes.

Palavras-chave: fontes históricas; nova história política; cartas.

Conhecendo uma elite política local através da metodologia prosopográfica: os vereadores de Canoas/RS entre 1961 e 1965

Anderson Vargas Torres
Mestrando - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A presente comunicação tem como objetivo apresentar dados sobre vereadores da cidade de Canoas/RS - entendidos aqui como uma elite política - entre os anos de 1961 e 1965. Busca-se, dessa forma, entender a atuação e as relações estabelecidas entre essas lideranças políticas locais, bem como compreender a construção dos capitais e recursos políticos aos quais recorreram tanto na política municipal, como nas suas relações com a política estadual e nacional. Para tal iniciativa, utiliza-se aqui a metodologia prosopográfica. Tal metodologia busca, através dos diversos indícios e vestígios deixados por determinados grupos sociais, investigar uma série de fatores que, analisados em conjunto e organizadamente, podem trazer a luz diversas informações não perceptíveis quando os indícios são apreendidos de modo disperso. Partindo da coleta e análise de diferentes fontes tais como as atas legislativas da Câmara de Vereadores de Canoas, periódicos locais como *Gazeta de Notícias* e *O Gaúcho*; os testemunhos de personagens presentes naquele período histórico como os ex-vereadores Edson de Medeiros e Antônio Canabarro Tróis Filho e publicações de memória local como a coletânea *A história dos nossos prefeitos* foi possível construir um conjunto de informações relevantes referentes a atuação política daqueles agentes, assim como averiguar as suas origens geográficas e sociais.

Palavras-chave: Prosopografia; História Política; Canoas/RS.

Procedimentos relacionais na pesquisa histórica: Um debate conceitual a partir do trotskismo brasileiro e estadunidense na década de 1930

Roberto Borges Lisboa
Doutorando em História – UFSM

É recente o crescente debate que envolve a utilização de procedimentos relacionais na pesquisa histórica. O campo disciplinar que tem problematizado essa questão tem sido denominado pelo nome de História Comparada. Publicado no ano de 2014, o livro “História Comparada” de José D’assunção Barros mapeou diferentes itinerários metodológicos. Por conseguinte, o autor apresentou diversas iniciativas de historiadores pontuando as novas possibilidades de tessitura da história, como por exemplo, as modalidades da “História Global”, das “Histórias Transnacionais”, das “Histórias Interconectadas” e das “Histórias Cruzadas”. Destaca-se que nas considerações finais do livro o autor defendeu que todas essas modalidades caracterizavam-se justamente pela utilização de procedimentos relacionais na pesquisa histórica. Ainda, diante das constantes aproximações dessas modalidades, Barros

interrogou sobre a possibilidade de unir essas “famílias historiográficas”, a partir da designação “História Relacional”. Desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, o presente trabalho procura debater essas modalidades e suas possíveis conexões a partir de um estudo de caso, destacando determinados procedimentos relacionais passíveis de serem utilizados na pesquisa do trotskismo brasileiro e estadunidense na década de 1930. Neste sentido, procura-se delimitar fronteiras e possibilidades a partir da utilização de atas, cartas, documentos políticos e jornais dessa vertente política da classe trabalhadora. Ressalta-se que o presente esforço teórico-conceitual busca cimentar o caminho do referido estudo de caso e defender um *upgrade* nas pesquisas da temática sobre as diversas organizações políticas da classe trabalhadora e, também, apresentar apontamentos iniciais sobre a interrogação de Barros acerca da “História Relacional”.

Palavras-chave: História Comparada; Trotskismo; História Relacional.

Simpósio Temático 05:

HISTÓRIA MILITAR, HISTÓRIA DA GUERRA E REVOLTAS

Culto à Guerra: levantamento bibliográfico sobre a escrita da história espartana

Ricardo Barbosa da Silva
Mestrando PPGH – UFPel

A pólis dos espartanos fora motivo de reflexão de diversos pensadores em diferentes períodos da história humana. Todavia, os próprios espartanos não nos deixaram nada escrito sobre sua sociedade, sendo esta apenas descrita por observadores externos àquela comunidade. Pretendemos aqui fazer um levantamento bibliográfico sobre os modos como se escreveu a história da sociedade espartana ao longo da história.

Palavras-chave: Esparta; Guerra; historiografia.

Revolta dos Marinheiros: aspectos jurídicos e sociais do sorteio militar (1874-1910)

Cosme Alves Serralheiro
Mestrando História - Universidade Federal de Pelotas

Este artigo faz uma narrativa tendo como temática central a Revolta dos Marinheiros de 1910, baseado nas relações de poder e os aspectos jurídicos do sorteio Militar, esse último refere-se a lei n. 2556 de 26 de setembro de 1874, seu intuito era substituir a “caçada” humana do recrutamento forçado. Pretende-se analisar quem eram esses sublevados e se todos durante a revolta foram oriundos não somente do recrutamento, mas também do Sorteio militar no âmbito dos principais navios de guerra da Armada Imperial. Não se pode deixar de citar que, a bordo desta belonave, estava o “líder” da revolta o Marinheiro de primeira classe João Cândido Felisberto. Nesta mesma embarcação, no calor do momento, foram assassinados o Comandante, dois Oficiais, um Sargento e um Marinheiro. No Cruzador Bahia estava a bordo o mentor intelectual e um dos idealizadores e planejador da Revolta o Marinheiro-Paioleiro Francisco Dias Martins, mais conhecido como de “Mão Negra” (Martins, 1982, p.38). Os resultados de tudo isso apontam que o começo desse estopim foram vários fatos que

ocorreram no passado inclusive a forma compulsória que esses militares vinham para servir a Armada entre elas o sorteio Militar. Objetiva-se Analisar a implantação do sorteio militar de 1874, tendo em vista que foi uma forma de expurgo de uma parcela da sociedade brasileira que se mostrava decadente com relação ao conceito de civilização, como forma de controle social. Verificar as tensões produzidas na sociedade brasileira, através da implantação da lei do sorteio Militar, sancionada em 1874. Para tanto, utilizou-se uma análise dos Relatórios Ministeriais da época, como fonte de análise histórica a “lei da Cumbuca”: a Revolta contra o sorteio Militar apelidada por Fabio Mendes e somando a esta, pois para que chegássemos a essas análises foi necessário pesquisar no Arquivo Nacional e no na Diretoria do Patrimônio Histórico Documental da Marinha.

Palavras-chave: sorteio Militar; Recrutamento; Armada Imperial.

Resgate da Revolução Farroupilha e Homenagem Republicana no Obelisco de Pelotas

Laura Giordani
Graduada em História - UFPel

Existe nos arredores de Pelotas, município do estado do Rio Grande do Sul, um obelisco que homenageia o ideal republicano e a Domingos José de Almeida, um mineiro que atuou na política da cidade durante o século XIX e participou ativamente da Revolução Farroupilha. O *Obelisco Republicano – ou Obelisco Domingos de Almeida ou Obelisco de Pelotas* - foi resultado da ação do Partido Republicano de Pelotas, sendo inaugurado em 7 de abril de 1885, quando a monarquia ainda era o sistema de governo em ação no Brasil. Como nenhum outro monumento de natureza republicana foi inaugurado antes da Proclamação da República, em 1889, isso faz do *Obelisco de Pelotas* único. Sendo fundado em 1882, o Partido Republicano de Pelotas, assim outros partidos apoiadores do republicanismo que surgiam na província do Rio Grande do Sul, tinha o Partido Republicano Rio-Grandense como modelo e resgatava na Revolução Farroupilha a ideia de mudança, de autonomia e desafio ao Império que os participantes da revolta representava para eles. Como esses ideais estavam sendo resgatados em um período que pouco se falava da Revolução Farroupilha, por ter sido uma revolta contra o governo, o Partido Republicano de Pelotas elaborou o Obelisco procurando mostrar o que a revolta trouxe de positivo para a história e apresentou a memória de um cidadão que participou dela como exemplo em sua constituição. Já que foi construído com o intuito de representar o ideal republicano e fazer uma homenagem, no corpo do Obelisco estão inseridos símbolos, placas e datas que se referem a Domingos de Almeida e à Revolução Farroupilha – mais especificamente à República Rio-Grandense -, estando ausente qualquer reprodução da imagem de Almeida, indicando que a intenção da homenagem era um ideal que o político defendia, e não a sua imagem em si. A presença da homenagem a Almeida no monumento é um modo de aproximar o cidadão pelotense ao monumento, permitindo que um indivíduo se identifique, já que é uma personalidade local que participou da Revolução Farroupilha e defendia o ideal Republicano.

Palavras-chave: Obelisco; Pelotas; Republicanismo.

O caso da Nova Jacobina: A “Revolta dos Muckers” em São Lourenço do Sul/RS

Cristiano Gehrke
Doutorando - Universidade Federal de Pelotas

Este artigo tem como objetivo tratar de um evento com motivações religiosas que ocorreu no interior do município de São Lourenço do Sul/RS na década de 1940 e que foi denominado pela imprensa local da época, como a “Nova Revolta dos Muckers” em função das similaridades com o episódio que ocorreu na região do Vale do Rio dos Sinos entre os anos de 1873-74. Nos propomos assim, a analisar as causas que contribuíram para a ocorrência deste evento, bem como o desfecho e a repercussão do caso junto da população lourenciana, composta majoritariamente por imigrantes de origem germânica, que chegaram à região a partir da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Benzimento; Pomeranos; São Lourenço do Sul.

Simpósio Temático 06:
HISTORIOGRAFIA DO BRASIL

Os cativos nos processos-crimes na Vila de Piratini (1850-1880): Homicídios, Furtos, Roubos e Insurreição

Vinicius Cardoso Nunes
Mestrando em História – UFPEL

O presente trabalho tratará de processos-crimes envolvendo os cativos na Vila de Piratini entre as décadas de 1850 e 1880 onde se sucederam os delitos ocorridos na vila de Piratini. Vila localizada no chamado escudo rio-grandense pela posição geográfica que possui, é banhada pelos rios Camaquã e Piratini. Possuía uma economia agropecuária, formada por um grande número de açorianos, e de colonos que já viviam em território colonial ou imperial (dependendo de quando migraram para a região) e que existia um número de escravos elevado, bem como um número de processos-crimes existentes no fundo da Comarca. Partindo destas fontes processuais (interrogatórios e depoimentos) irá se investigar, quais motivações levaram estes sujeitos a praticar furtos, roubos, homicídios e a tentativa de uma insurreição de escravos. Os objetivos serão apresentar a investigação para a dissertação de mestrado sobre a escravidão em Piratini que é analisar as relações que ocorriam de tensão entre senhores e escravos, e escravos e senhores, como roubos, furtos, insurreição de escravos na então Vila de Piratini na Província do Rio Grande de São Pedro, entre as décadas de 1850 e 1880.

Palavras-chave: Escravidão; Piratini; Processos-Crimes.

Aspectos sobre o percurso histórico do jornal enquanto fonte para a construção histórica: o caso da imprensa negra sulina com base no *O Exemplo* e *A Alvorada*.

Ângela Pereira Oliveira
Mestranda do PPG em História – UFPel

Este trabalho tem por objetivo abordar a imprensa negra focando em dois jornais do Rio Grande do Sul, *O Exemplo* e *A Alvorada*. *O Exemplo* nasceu no ano de 1892 e suas atividades só foram finalizadas no ano de 1930. O jornal deixou de circular por diferentes momentos devido a problemas financeiros, ainda assim conseguiu manter-se por quase 38 anos. Já o segundo jornal estudado, *A Alvorada*, era editado na cidade de Pelotas, situada na região sul

do Estado. Esse tem a sua fundação em 1907 e só finalizaria suas atividades 58 anos após, no ano de 1965. Durante todos esses anos sua circulação não foi constante, ele também passou por problemas financeiros. Para isso, se retoma até a implantação da imprensa no Brasil a fim de dialogar com a real necessidade de criação de uma imprensa como alternativa de comunicação entre a população negra. Desse modo, se faz um curto e breve percurso entre a implantação da imprensa e seu uso pela historiografia. Nesse sentido se faz uso de alguns autores que são referências na história da imprensa, como, por exemplo, Maria Helena Capelato (1988) e Nelson Werneck Sodré (1999). Passando, para a implantação da imprensa negra e seu uso em pesquisas. Para enfim, tratar algumas questões referentes ao *O Exemplo* e *A Alvorada* no que tange aspectos pertinentes sobre a sua implantação, seus usos pela historiografia e especificidades de abordagens.

Palavras-chave: Imprensa; imprensa negra; percurso histórico.

Alguns apontamentos acerca das ações caritativas publicadas nos periódicos pelotenses Diário Popular e Opinião Pública (1936-1946).

Josué Eicholz
Mestrando em História – UFPel

Este trabalho propõe-se a analisar fontes de periódicos que circulavam em Pelotas nas décadas de 1930 e 1940, o recorte temporal coincide com os primeiros anos de atividade da Creche São Francisco de Paula na cidade de Pelotas (instituição por mim pesquisada e frequentemente alvo de doações de donativos por parte da sociedade pelotense), tendo em vista este contexto, um dos objetivos da pesquisa será demonstrar de que maneira indivíduos ou grupos da cidade de Pelotas praticavam a caridade para com tal instituição e para com outras instituições filantrópicas do período, uma das formas de “mostrar” a ação caritativa se dá por meio da divulgação da caridade nos periódicos. A prática da caridade necessitava ser divulgada para que a sociedade percebesse elementos altruístas naqueles indivíduos pelotenses, também com esta ação procura-se ganhar ou aumentar o status social. Este trabalho será constituído de sucintas notícias sobre dois jornais diários de Pelotas: Diário Popular e Opinião Pública nas décadas de 1930 e 1940, e como estes periódicos noticiavam a caridade efetuada por indivíduos pelotenses a instituições diversas. Outro apontamento relevante nesta pesquisa está na relação interesse/desinteresse com o ato caritativo. Para Bourdieu faz-se necessário questionar os interesses que os agentes podem ter em fazer o que fazem, ao falar do desinteresse, o autor disserta o seguinte: É possível uma conduta desinteressada e, se é, como e em que condições? Se permanecermos em uma filosofia da consciência, é evidente que só podemos responder negativamente à questão e que todas as ações aparentemente desinteressadas esconderão intenções de maximizar alguma forma de lucro. Ao introduzir a noção de capital simbólico (e de lucro simbólico), de certa maneira, radicalizamos o questionamento da visão ingênua: as ações mais santas [...] poderão ser sempre suspeitas (e historicamente o foram, por certas formas extremas de rigorismo) de ter sido inspiradas pela busca do lucro simbólico de santidade ou de celebridade. (BOURDIEU, 2011, p.150). Na presente pesquisa, alguns indícios e fontes reforçam a conexão entre caridade e retribuição pós-caridade.

Palavras-chave: Pelotas; caridade; periódicos locais.

“Várias etapas diferentes de um mesmo processo”: a redemocratização de 1945 através do *Diário Popular*.

Everton da Silva Otazú
Mestrando em História – UFPel

A presente investigação tem como objetivo analisar, caracterizar e apresentar as diferentes etapas do processo de redemocratização do ano de 1945 através das *representações* construídas no jornal *Diário Popular* da cidade de Pelotas – RS. Essas representações abordavam o processo de reabertura política e “redemocratização” que tem seu início já nos primeiros meses de 1945. No entanto, essas transformações do *campo político* (BOURDIEU, 1989) ocorrerão de maneiras distintas de acordo com a localidade do país, se adaptando as diferentes agendas existentes. Naturalmente, Pelotas e região também tiveram suas particularidades. Uma das fontes que chegou até nosso tempo sobre esses eventos foi o jornal *Diário Popular*, entendido como uma coletânea de *representações* (CHARTIER, 2002) daquela realidade e não a realidade em si. Deste modo, este trabalho buscará identificar as etapas do processo a partir da fonte jornalística e analisar as aproximações e os distanciamentos entre a política regional e os processos de redemocratização em outras localidades do país, procurando levantar e aferir as razões para suas diferenças. Esse exercício comparativo será realizado, principalmente, através de uma revisão historiográfica pertinente ao tema.

Palavras-chave: Redemocratização; Representações; Campo político.

“Carregar e Arrumar”: memória e trajetória da categoria arrumadora do Porto de Rio Grande-RS nos anos de 1955 a 1964

Elvis Silveira Simões
Mestrando em História – UFPel

Este trabalho trata-se de minha proposta de projeto de pesquisa, a qual versa sobre as experiências e relações cotidianas de trabalho, assim como da fundação e importância do sindicato, para a categoria dos Arrumadores do porto de Rio Grande, nos anos de 1955 a 1964. Esta reconstrução histórica se dará a partir da memória de seus trabalhadores. A cidade de Rio Grande, durante o século XIX e ao longo do XX, possuiu o principal porto do Rio Grande do Sul. Assim, a economia da urbe se desenvolveu graças às atividades portuárias a qual, ao mesmo tempo, gerou uma grande mão de obra para supri-las, o que levou, devido à oportunidade de trabalho, muitos trabalhadores a morarem na região ao entorno do porto, criando-se verdadeiras vilas e bairros operários. Todavia, até a promulgação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), em 1943, estes trabalhadores portuários não possuíam uma legislação específica, principalmente no tocante aos trabalhadores avulsos. No que diz respeito à categoria arrumadora, a qual foi concebida como tal somente a partir de 1954 quando passou a ser oficialmente a força supletiva do trabalho portuário, até então, trabalhava na movimentação de carga de armazéns do comércio. Segundo informações obtidas pelo Sindicato dos Arrumadores, Trabalhadores Portuários Avulsos em Capatazia do Rio Grande & São José do Norte (Sindatacap), em data de 16 de março de 1955, funda-se o Sindicato dos Arrumadores, em Rio Grande, substituindo o antigo Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias. Assim sendo, nosso recorte se limitará entre os anos de 1955 e 1964, uma vez que caracterizam tanto o período em que os trabalhadores tornam-se oficialmente a força supletiva portuária; assim como, o período de 64 caracteriza segundo a

bibliografia referente, como um momento de repressão sindical, devido à instituição da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Será a partir do estudo da memória reavivada desses trabalhadores portuários, e do diálogo com as demais fontes, que buscaremos entender os caminhos que levaram a organização da sua entidade sindical local. Como método, nos utilizaremos de uma abordagem de História Oral, a qual consiste em tomar os relatos dos sujeitos que vivenciaram um determinado período, dando voz e tornando-os protagonistas do acontecimento histórico. Tais relatos serão obtidos através de entrevistas temáticas de final aberto, buscando assim direcionar a entrevista para nosso foco de análise, porém sem restringir a fala de nossos entrevistados. Será, portanto, através das memórias de suas experiências, do cotidiano das relações de trabalho, que buscaremos reconstruir sua trajetória enquanto categoria portuária; e desta forma também contribuir com os estudos historiográficos sobre o trabalho portuário no Brasil.

Palavras-chave: Arrumadores; Porto; História Oral.

O Porto Público de Pelotas-RS: breves apontamentos históricos sobre sua construção

Thiago Cedrez da Silva
Mestrando do PPG em História – UFPel

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de edificação do Porto público da cidade de Pelotas-RS. O recorte temporal deste estudo permeia o final do século XVIII, na qual a movimentação portuária se dava através de trapiches particulares, até a década de 1940. Momento este em que há uma atenção voltada para construção e inauguração de um cais portuário público. O intuito desta ação advém das necessidades comerciais que emergiram nesta cidade em sua fase de pujança econômica cujo ápice foi à primeira metade do século XX. A partir de uma análise reflexiva da bibliografia existente sobre o assunto e do cruzamento com fontes primárias de cunho jornalístico e arquivístico, buscara-se compreender os elementos que levaram a decadência dos trapiches particulares e a construção de um porto público às margens do canal São Gonçalo. Bem como sua relação com as necessidades comerciais que emergiam diante de uma Pelotas em desenvolvimento.

Palavras-chave: Porto; Pelotas; Desenvolvimento Urbano; Desenvolvimento comercial.

Um olhar arqueológico sobre livros didáticos: materialidade e conteúdo

Felipe Nunes Nobre
Mestrando PPGH – UFPEL

Neste artigo, buscamos lançar um olhar arqueológico sobre livros didáticos, realizando dois movimentos. O primeiro consiste em compreendê-los em sua materialidade. Para tanto, entendemos que “os artefatos são assim marcados com os gestos e hábitos que envolveram a sua produção e uso, sendo, dessa forma, inscritos pelos processos sociais envolvidos na sua criação, utilização e abandono” (SYMANSKI, 2014, p.31). Entender os livros didáticos em sua materialidade, através do estudo de sua produção, circulação e consumo, permite compreender que esses objetos trazem marcas da sociedade que os produz. No caso brasileiro, ganha destaque a atuação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), responsável pela avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos para as escolas públicas, exercendo um papel regulador sobre esses materiais. Por outro lado, na perspectiva arqueológica que

compartilhamos, “todas as variantes do mundo material, de um dado artefato à paisagem envolvente, passam a ser considerados como meios para a construção da memória, dando coerência e continuidade à vida social” (SYMANSKI, 2014, p.31). Desse modo, através da análise de seus conteúdos podemos observar como os livros didáticos servem como meios de reprodução da vida social, ao construir narrativas e representações sobre o passado. Isto leva ao segundo movimento do artigo, em que buscamos relacionar diferentes narrativas museológicas sobre o passado nacional (FUNARI, 2002) com narrativas presentes nas coleções didáticas que pesquisamos: Projeto Araribá – História e História – Sociedade & Cidadania. Nesse aspecto, destacamos as representações sobre os bandeirantes, contextualizando historicamente o surgimento e materialização dessas representações para em seguida discutir sua repercussão nas coleções didáticas em foco. É perceptível que ambos os movimentos se relacionam, sendo dessa forma possível a articulação que nos propomos: pensar os livros didáticos arqueologicamente, como artefatos marcados pelos processos envolvidos em sua produção, circulação e usos, bem como, enquanto elementos que servem para a reprodução da vida social, através de seus conteúdos. Pela articulação entre essas duas dimensões é possível compreendê-los, de forma mais clara, como espaços de disputas e tensões, sendo marcados por diferentes elementos, como processos de regulação/avaliação, expectativas de venda, concepções pedagógicas, políticas, identitárias, etc. Com este texto pretendemos, portanto, contribuir para a reflexão sobre esses diferentes aspectos que constituem os livros didáticos.

Palavras-chave: Livros Didáticos; Ensino de História; Arqueologia.

Dilemas do desenvolvimento no governo JK: a ruptura com o Fundo Monetário Internacional sob à perspectiva da imprensa

Rafael Ganster
Mestrando - PUCRS

O objetivo deste artigo é analisar o posicionamento da grande imprensa carioca frente ao “rompimento” do governo de Juscelino Kubitschek em relação às políticas econômicas recomendadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), episódio ocorrido no quarto do ano do governo (1959) e que nos permite compreender a complexidade do modelo de desenvolvimento adotado no país, bem como sua apresentação/representação nos meios de comunicação. Para delimitarmos nossa análise, selecionamos três dos jornais cariocas com maior circulação e prestígio no período, são eles: “O Globo”, “Jornal do Brasil” e “Última Hora”. Cabe ressaltar que, segundo a historiografia, tais periódicos alinham-se a correntes ideológicas distintas, possibilitando a análise de diferentes abordagens sobre o tema e sua circulação no meio social. Caracterizado por um processo de industrialização intensivo, levado a cabo principalmente através do modelo de substituição de importações (ISI), o governo de Juscelino Kubitschek foi sem dúvida um período de grande expansão industrial no país. Porém, se no âmbito político a historiografia compreende este governo como de relativa “estabilidade”, baseada principalmente na aliança PTB-PSD e no apoio do exército – personificado na figura do general Lott, no campo econômico as disputas entre diferentes modelos de desenvolvimento nacional mantiveram-se em pleno debate. Além das disputas entre modelos Liberais e Desenvolvimentistas, problemas como a inflação e endividamento externo vieram a intensificar ainda mais estas disputas ao longo do governo de Juscelino. Após sucessivas mudanças em cargos estratégicos do aparato administrativo – incluindo o Ministério da Fazenda, e a fracassada tentativa de execução efetiva do Plano de Estabilização

Monetária (PEM), a postura adotada pelo governo frente ao “receituário” econômico proposto pelo FMI constitui-se como ponto chave para analisarmos diferentes aspectos da política econômica do presidente JK. Sendo assim, a análise de sua repercussão nos meios de comunicação, bem como o posicionamento de tais veículos acerca do tema, nos permite compreender como, transpondo às esferas, político e econômica, tal assunto foi difundido e repercutido no meio público.

Palavras-chave: Juscelino Kubitschek; Imprensa; FMI.

Navio “Canopus”, Memória e Representação: Atuação na Cidade de Rio Grande - RS (1964)

Robert Wagner Porto da Silva Castro
Mestrando do PPGH – UFPel

Em se tratando de um tema ainda tão “vivo” na história de nosso país, o golpe civil-militar de 1964 e os anos que o antecederam na década de 1960, caracterizados por intensa efervescência política e social, vem cada vez mais sendo objeto de estudo na área da historiografia. Neste sentido, o presente trabalho procura estabelecer um debate acerca das possibilidades da memória reavivada enquanto fonte a ser trabalhada pelo historiador durante a prática de seu ofício, bem como, sobre as representações de eventos traumáticos na memória de determinados grupos sociais e coletividades. Como objeto de análise para o estabelecimento do referido debate optei pelo navio hidrográfico “Canopus” da Marinha do Brasil e seu emprego durante a repressão capitaneada por esta instituição militar naval na cidade de Rio Grande-RS, ocorrida no contexto político-social tensionado do ano de 1964. Cidade de forte tradição marítima e portuária, em Rio Grande se localiza um dos principais portos da região sul do país, e ainda, a Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul (CPRS), cujo comandante era a maior autoridade militar da cidade e a principal autoridade naval no estado do Rio Grande do Sul. A relevância da urbe riograndina, no contexto do golpe de 1964, fica evidente quando percebemos a intensidade com que atuou a repressão naquela cidade. O fato de a Marinha ter capitaneado a repressão em Rio Grande, deveu-se não somente ao fato de ser esta a força de maior representatividade na cidade, mas que a despeito de se tratar de uma localidade de grande importância estratégica e econômica, ligada essencialmente às atividades marítimas, diversos segmentos de trabalhadores - sobretudo os marítimos e portuários - atuavam fortemente na cidade através de seus sindicatos, em especial o Sindicato dos Trabalhadores nos Serviços Portuários de Rio Grande. Tal situação demandou uma forte atuação repressiva da Marinha, que, devido ao seu reduzido contingente militar naquela localidade, bem como, à desconfiança quanto ao apoio do III Exército e das forças policiais gaúchas à “revolução”, o comando da Marinha em princípio utilizou-se do navio “Canopus” e sua tripulação no apoio à repressão naquela cidade. Deste modo, a partir da análise das memórias de lideranças civis e militares da urbe riograndina à época do golpe civil-militar, bem como, da análise de fontes oficiais e de imprensa, este artigo busca também, contribuir para um melhor entendimento sobre a atuação do navio “Canopus” enquanto instrumento de repressão, e ainda, de um imaginário e memória coletivos que se construíram em torno do “Canopus” e sua atuação como “navio prisão” em Rio Grande durante o recorte temporal em tela.

Palavras-chave: Navio Canopus; Memória; Representação.

Simpósio Temático 07:
HISTÓRIA E CIDADES

O problema do cotidiano em processos-crime na Comarca de Caxias do Sul (1900-1940)

Wellington Rafael Balém
Mestrando em História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nesta comunicação, analisamos o problema do cotidiano em processos criminais, em um tempo e um espaço, delimitados: a Comarca de Caxias do Sul, entre 1900 e 1940. Justificamos esta escolha por considerarmos que, mesmo o Judiciário sendo uma instância nacional, alguns aspectos do contexto local interferem na forma pela qual o cotidiano é construído nos processos criminais. Nos afastamos da noção normativa, psicologizante e patológica e do discurso do ideal de ordem e progresso que torna anômicos os crimes e os criminosos no período estudado. Para isso, analisamos como o cotidiano é construído nos autos, levando em consideração as forças e interesses, internos e externos ao Judiciário. Também nos apropriamos do conceito de política do cotidiano que nos permite compreender a realidade ambígua, contraditória e multifacetada de um mesmo contexto em que convivem aqueles que cometem e aqueles que sofrem a ação de um crime. Assim, considerando as transformações históricas do período e da região de abrangência da Comarca entre 1900 e 1940, analisamos, mais especificamente, como as tensões sociais, que só nos chegam porque foram alvo da ação da polícia e do Judiciário, podem nos ajudar a compreender o cotidiano de determinados grupos sociais, em especial os de Caxias do Sul, na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Processos-crime; Cotidiano; Escrita da História.

Grande Hotel de Pelotas: do projeto à inauguração (1921-1928)

Liara Fagundes Echart
Graduada História-Bacharelado

O trabalho discute a trajetória do Grande Hotel de Pelotas desde o projeto de sua criação no ano de 1921 até a sua inauguração em 1928, quando a cidade passou a contar com um estabelecimento projetado e construído especificamente para servir como meio de hospedagem, diferentemente do que ocorria com os demais hotéis existentes até aquele momento. O trabalho justifica-se na medida em que há poucos estudos sobre a história da hotelaria na cidade de Pelotas, em especial sobre a história do Grande Hotel, sendo os trabalhos existentes sobre tal objeto escassos e abordados de maneira fragmentada, quando não abordados de forma bairrista e pouco científica. A metodologia baseou-se na análise dos jornais diários pelotenses da década de 1920: Diário Popular, O Libertador, A Opinião Pública. Neste sentido, a imprensa é rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc (ZICMAN, 1985). Além disso, o trabalho contempla uma breve revisão bibliográfica. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Pelotas começa a se modernizar e, é neste contexto que surge a ideia da construção de um hotel que atendesse os viajantes que passavam pela cidade vindos do Uruguai e Argentina com destino à Capital do Estado. Para a concretização do plano inovador no setor hoteleiro da cidade, contou-se com a participação de um distinto grupo capitalista que

uniu-se na Cia Incorporadora Grande Hotel de Pelotas, em conjunto com a sociedade pelotense que participou na forma de ações, para efetivar a construção do estabelecimento. No entanto, em meio às obras a crise econômica que envolvia os anos finais da década de 1920 afeta diretamente o processo de conclusão do prédio. Após inúmeras manobras financeiras empreendidas pela empresa na tentativa de contornar a crise, levantou-se a possibilidade de venda, para particulares ou para o poder municipal. Concluídas as obras, o Grande Hotel é municipalizado e, logo a seguir, efetiva-se o arrendamento do prédio. A inauguração mobiliza a sociedade pelotense da época, sendo um evento aguardado e festejado pela mesma, o qual passa a representar a vitória da elite local na busca pelo progresso. Desde a sua inauguração, o Grande Hotel passou a fazer parte do cotidiano da sociedade pelotense e a satisfazer os viajantes mais ilustres que a cidade recebia.

Palavras-chave: História da Hotelaria; Pelotas; Grande Hotel.

A polêmica da “carteira suja” dos operários da fábrica Laneira no espaço da Justiça do Trabalho de Pelotas na década de 1980

Jordana Alves Pieper
Mestranda do PPGH - UFPel

A temática do presente estudo reporta-se à pesquisa que está sendo realizada pela autora em seu projeto de mestrado em História (PPGH/UFPel), sobre as experiências dos operários da fábrica Laneira Brasileira S.A. na cidade de Pelotas, na década de 1980. Essa fábrica funcionou mais de cinquenta anos, entre 1948 e 2003 quando, por falência, fechou suas portas. Esse fato causou grande pesar para os seus operários, que encontraram dificuldades para se reinserirem no mercado de trabalho. Problemas como idade avançada, falta de qualificação e ainda a desqualificação dos currículos foram alguns dos entraves encontrados pelos operários. Esta comunicação analisa a última questão apresentada, conhecida entre os operários de “carteira suja”. Trata-se da prática do patronato de não registrar nas carteiras profissionais dos trabalhadores as reais funções exercidas por eles. Assim, em seus registros, constavam funções de pouca definição como serviços gerais ou ajudantes. Tal situação dificultava a comprovação das reais experiências profissionais já exercidas, tornando o currículo desses operários menos atrativo para concorrer às vagas de trabalho no mundo industriário. O objetivo desse estudo é investigar as negociações e conflitos entre operários e empregadores em âmbito judicial no tocante ao problema da carteira de trabalho dos laneiros da fábrica Laneira em Pelotas. Sendo assim, essa pesquisa conta com os autos findos da Justiça do Trabalho de Pelotas da década de 1980, acervo que encontra-se salvaguardado no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. Para investigação primeiramente selecionou-se, dentre os processos trabalhistas envolvendo operários da fábrica Laneira Brasileira, somente aqueles que acessaram a JT motivados por irregularidades em suas carteiras de trabalho. Logo após, investigou-se os diferentes manejos da lei desenvolvidos por empregados e empregadores com seus respectivos advogados, objetivando com isso, analisar as táticas articuladas por esses atores sociais. Além disso, se deu também atenção para o olhar da Justiça do Trabalho de Pelotas frente a esse enfrentamento classista.

Palavras-chave: História do Trabalho; Justiça do Trabalho; Irregularidade na Carteira de Trabalho.

Os homens letrados: o universo do bacharelismo político e a família em Pelotas no século XIX: 1850 – 1870

Leonardo Poltozi Maia
Mestrando – UFSM

Este trabalho é parte do que estamos desenvolvendo na dissertação de mestrado intitulada “A força da pena: um estudo acerca da valorização do Bacharel em Direito nas relações políticas dos sul-rio-grandenses: Pelotas e Alegrete (1850- 1870)” no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, na Linha de Pesquisa “Fronteira, Política e Sociedade”, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. A pesquisa conta com financiamento FAPERGS/CAPES. Nosso objetivo no presente trabalho é elucidar questões acerca da carreira profissional dos bacharéis em Direito e a entrada na vida política, no sentido de averiguar se isso seria advindo de uma estratégia familiar ou de interesse individual destes que ao entrar na vida política, viam ali uma alternativa rentável e de prestígio que sua profissão dificilmente lhe traria diante de um cenário pouco propício de atuação profissional nos meados do século XIX. Selecionamos bacharéis em Direito nascidos ou que exerciam a vivência jurídica e/ou política no município de Pelotas, onde pudemos perceber algumas particularidades. Em Pelotas, parte dos formados juizes e promotores eram filhos de pais de carreira Jurídica e política. O que podemos perceber, na medida em que vamos pesquisando as carreiras dos bacharéis, é a herança da advocacia ou herança política por parte de alguns jovens, como, por exemplo, Possidônio Mâncio da Cunha Júnior, de pai de mesmo nome, que herdou a carreira jurídica como profissão e seguiu na carreira política, ou José Vieira da Cunha, com também pai de mesmo nome, seguindo os passos do mesmo na carreira política. Além de encontrar bacharéis filhos de nomes fortes de seu tempo nas áreas militares, políticas ou comerciais, como do jovem Epaminondas Piratinino de Almeida, filho do comerciante e político Domingos José de Almeida. Faremos uso de agentes advindos de famílias tradicionais na política, como de Israel Rodrigues Barcelos, filho de tradicional família da política e charqueadora de Pelotas, que depois de formar-se em 1838 na Faculdade de Direito de São Paulo, regressou a Província e exerceu o cargo de Deputado provincial (1846/1863, 1869/1870), Deputado geral (1848/1849, 1861/1864), chefe do Partido Conservador e Vice-presidente da Província. Diante disso, faremos discussões sobre aspectos acerca do uso da História Política e História Social. Usaremos a cidade de Pelotas para averiguar o trânsito dos bacharéis na política dessa cidade e observas suas famílias.

Palavras-chave: História do Direito; Pelotas; Bacharéis em Direito.

Simpósio Temático 07.1:
HISTÓRIA E CIDADES

Parteiras madrinhas (sul do RS, 1960-1990)

Eduarda Borges da Silva
Mestranda no PPGH- UFPel

Esta comunicação apreenderá as relações entre parteiras e suas comunidades que se estabeleciam a partir do parto, no sul do Rio Grande do Sul, entre 1960-1990. As parteiras também benziam, aplicavam injeções, receitavam ervas e mantinham em casa alguns fármacos para emergência, atendendo além das parturientes e recém-nascidos, crianças,

adultos e idosos. Após o atendimento ao parto domiciliar quando havia uma gestante ou um doente eram chamadas, constituindo-se em promotoras da saúde familiar. Em contrapartida recebiam alimentos, presentes e eram convidadas para madrinhas dos recém-nascidos, aos quais sempre aceitavam como afilhados, orgulhosas de terem realizado um bom trabalho. O pagamento raramente era feito em dinheiro, e quando isto ocorria a parteira cobrava pouco, pois eram todos agricultores, como indica a parteira Eulália Sória (2013, p. 17): “Eu cobrava bem pouquinho, só pra manter os meus remédios. Na campanha todo mundo é apertado de vida e agricultor é de seis em seis meses pra ter dinheiro”. Cecília dos Santos (2013, p. 21), outra parteira, menciona, por exemplo, que “[...] sempre me convidavam pra madrinha. Tenho afilhados por esse mundo aí que vou te dizer!” Também afirma que não precisava plantar alguns produtos como feijão, pois os recebia dos vizinhos, os mesmos que ela atendia. Giovanni Levi (2015) explica que quando não são parentes consanguíneos, padrinho/madrinha de batismo e família do/a afilhado/a estabelecem uma relação de parentesco fictício que indicam redes de aliança, como estratégias para a sobrevivência. Eric Sabourin (2011) define a reciprocidade como uma norma moral essencial à manutenção de estruturas sociais que geram valores materiais como os alimentos, imateriais como os saberes, mas produzem também valores afetivos e éticos como a confiança. Contudo, a reciprocidade não implica uma retribuição obrigatória que necessite ser equivalente ou imediata, mas existe a espera de retorno da ajuda antes prestada, entendida como valor moral. Através das entrevistas de história oral temática realizadas para o projeto de pesquisa “O ofício de parteira ao sul do RS (1960-1990)” e do conceito de reciprocidade se pretende compreender tal prática.

Palavras-chave: parteira; madrinha; reciprocidade.

As práticas de cura no século XIX e o caso das Águas “Santas” em Santa Maria da Boca do Monte na década de 1840

Priscila Novelim
Mestranda em História – UFPel

Neste trabalho serão apresentadas algumas considerações sobre as práticas de cura realizadas pela população do sul do Brasil na segunda metade do século XIX em uma fonte de água. À medida que se espalhava a notícia da cura operada pelas águas vistas como “santas”, em Santa Maria da Boca do Monte (RS), aumentava o número de pessoas que as buscavam. No verão de 1849 o número dessas pessoas chegou a nove mil, vindas de várias regiões do território brasileiro e também dos países vizinhos para tratar suas enfermidades. A grande movimentação de pessoas pela região despertou a atenção do governo, da Igreja e da classe médica que enviaram seus representantes para verificar o que se passava e quais eram as práticas em busca do restabelecimento da saúde realizadas pelos que lá se encontravam. Nas fontes pesquisadas encontramos opiniões divergentes entre os que lá estiveram, seja representando a Igreja, o governo ou as instituições médicas da época, além de pessoas comuns que deixaram registradas suas impressões sobre as práticas de cura lá realizadas. Pretendemos dar voz a estes personagens, respeitando-os como sujeitos do seu tempo e com as informações que estavam ao seu alcance para enfrentar questões ligadas ao ficar doente e ao restabelecimento da saúde. O objetivo deste trabalho é analisar os diferentes pontos de vista produzidos sobre as águas “santas” de Santa Maria da Boca do Monte e o comportamento das pessoas que para lá se dirigiram. Assim, buscamos melhor entender as práticas de cura da população sul do Brasil em meados do século XIX, pois é a partir dessas

práticas que podemos observar as crenças. Queremos entender porquê as pessoas continuaram a tratar suas doenças mesmo após a saída do monge João Maria de Agostini da região e também após a apresentação do relatório médico que atestou as águas serem unicamente potáveis, sem nenhuma propriedade que as tornasse medicinal ou terapêutica. As críticas que a medicina acadêmica fazia contra a popular trazia desconfiança por parte da população em relação à atuação dos médicos diplomados. Os benefícios trazidos pela utilização das águas “santas”, nas doenças às quais a aplicação de água comum poderia oferecer certo alívio, foram apresentados por pessoas que deixaram suas impressões registradas.

Palavras-chave: Práticas de cura; século XIX; Santa Maria da Boca do Monte.

Pelotas nas páginas do Álbum do Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul

Fabiano Neis
Mestrando PPGH/UFPEL

O Rio Grande do Sul recebeu um enorme contingente de imigrantes europeus durante o século XIX, dentre os quais, o imigrante de origem itálica a partir de 1875. O fenômeno da imigração italiana acabou sendo direcionado, em sua maioria, para as colônias localizadas na região nordeste do estado. No entanto, anteriormente a este período o município de Pelotas recebeu imigrantes italianos, em um primeiro momento, espontaneamente, na área urbana da cidade e em seguida de forma dirigida, na zona rural. Desta forma, transformou-se o perfil da então próspera cidade de características lusa em uma cidade cosmopolita. Durante as celebrações do cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, foi publicado um álbum alusivo aos festejos. Sendo assim, este artigo, através da análise do Álbum comemorativo da imigração italiana no Rio Grande do Sul, abordará as influências do elemento italiano na sociedade local.

Palavras-chave: Imigração Italiana; Pelotas; Identidade.

Homens de elite na Santa Maria da Boca do Monte dos tempos do Imperador (1822 – 1845)

Fabício Rigo Nicoloso
Mestre em História – UFRGS

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações de compadrio, de negócios e políticas mantidas por um grupo de elite na Santa Maria dos primeiros anos do regime imperial (1822-1845), tendo por mediador o imigrante alemão João Appel, rico comerciante que soube costurar vínculos familiares e de negócios com indivíduos de famílias tradicionais na Freguesia, como os Oliveira, os Valença, os Gonçalves Chaves, os Castilhos, dentre outros. Durante as pesquisas realizadas no Mestrado e nas análises que estão sendo desenvolvidas no Doutorado, por meio do método prosopográfico, ou estudo das biografias coletivas (STONE, 2011), está em andamento a construção de um banco de dados, fazendo uso de programas como o Microsoft Excel e Acces, para a organização dos dados referentes a João Appel e aos sujeitos que eram ligados a ele, traçando o perfil coletivo do grupo. As fontes que serviram de base para a elaboração do banco de dados neste trabalho, foram o Inventário do imigrante (APERS) e o livro 2 de batismos (1822-1845), localizado na Catedral Diocesana de Santa

Maria (Curia – SM), do qual foram fichados 2873 registros. Cruzando as informações dos batismos com o Inventário, foi possível levantar dados referentes a 31 indivíduos da elite econômica e política local, que se relacionaram direta ou indiretamente com o comerciante e proprietário João Appel. Desta forma, foi traçada uma rede de relações ego-centrada, tendo este “alemão exponencial” (WITT, 2008) como mediador (CHARLE, 2006), sendo montado um gráfico representativo desta rede, com linhas que partem do mediador e nódulos de cores diferenciadas, conforme a força dos vínculos dos demais indivíduos com o sujeito central (GIL, 2011). Pela leitura do referido gráfico de rede, foi identificada a existência de relações diádicas horizontais entre o mediador e os demais sujeitos do grupo (BERTRAND, 1999), com vínculos de reciprocidade na maioria dos casos, tanto no que toca aos interesses de negócios, quanto aos vínculos familiares (compadrios e matrimônios). Em alguns casos, quando a relação era menos intensa, os vínculos se formaram através de dívidas contraídas com João Appel, uma vez que ele era um grande comerciante local ou, por exemplo, pelo batismo de algum dos seus escravos por um rico proprietário de terras. Outras vezes, o relacionamento se iniciava pelo matrimônio, como quando o imigrante se casou com Ana Maria de Oliveira, filha do rico proprietário Maximiano José de Oliveira, que também tornou-se seu cunhado, pois batizou dois de seus netos. Embora os resultados desse estudo ainda sejam parciais, já nos permitem traçar o perfil de grupos da elite santa-mariense e como os indivíduos construam relacionamentos e reiteravam vínculos.

Palavras-chave: Santa Maria; elites; redes de relações.

Perspectivas do Desenvolvimento Capitalista na América Latina: o caso dos *Conventillos* de Buenos Aires a partir das teorias da marginalidade

Henrique De Aro Silva
Mestrando em História UFRGS

O artigo aqui desenvolvido tem como objetivo analisar a construção de identidades a partir da condição *marginal* nos *conventillos* de Buenos Aires no início do século XX, sob a ótica das Teorias da Marginalidade latino-americanas e sua relação estabelecida com os conceitos de *Exército Industrial de Reserva* e *Superpopulação Relativa*, provenientes de Karl Marx. Desse modo, pretende-se investigar as peculiaridades e especificidades do *Ser* marginal no que tange os elementos que acabam por transformá-lo, a partir de sua participação política, de sua cultura de mescla e de seu cotidiano babélico, num dos agentes mais ativos da vida política portenha do período, paralelamente à própria análise das transformações desse conceito. Para isso trabalharemos com as diferentes definições a respeito da marginalidade a partir dos autores latino-americanos Aníbal Quijano, José Nun, e Lucio Kowarick. Ao utilizar tais teorias a intenção é de que consideremos a hipótese de que naquele meio começaram a se formar meios de sociabilidade e empoderamento baseados na própria marginalidade de seus indivíduos. O elemento do *conventillo*, surgido a partir desses processos, acaba por reunir os fatores para se posicionar como um espaço ímpar em termos sociopolíticos, onde se pode apontar a existência de uma Cultura Política Marginal que baseia sua força na construção da identidade a partir da própria exclusão.

Palavras-chave: Marginalidade; *Conventillos*; Buenos Aires.

“Com a metodicidade das obras de jurisprudência”: o estatuto do julgamento histórico nas críticas à Guerra civil no Rio Grande do Sul (1881), de Tristão de Alencar Araripe

Juliano Francesco Antonioli
Doutorando em História – UFRGS

O trabalho busca analisar o estatuto do julgamento histórico a partir do confronto de interpretações acerca da Revolução Farroupilha (1835-1845) na década de 1880, em torno da memória documentada de Tristão de Alencar Araripe (1821-1908) e das respostas que o trabalho recebeu na Corte e nas províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Em 1881, Araripe, conselheiro imperial e historiador associado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), publicou em livro a memória documentada, Guerra civil no Rio Grande do Sul, na qual abordava o mais longo conflito do período regencial. Logo em seu primeiro capítulo o conselheiro exprimia sua vontade de apresentar os elementos para que no futuro os historiadores do evento pudessem melhor julgá-lo, sem querer ele mesmo pronunciar um veredito acerca dos fatos dos quais tratava. A publicação, contudo, foi recebida pelos seus colegas historiadores do IHGB, e por homens letrados no Rio Grande e em São Paulo como um juízo histórico, que condenava não só os ideais que teriam movido a rebelião, mas também os seus principais chefes. Opiniões contrárias às apreciações do conselheiro aparecem nas páginas do jornal Gazeta de Porto Alegre, através de uma série de artigos escritos em 1881, por Karl von Koseritz (1830-1890), e também no trabalho historiográfico inconcluso de Ramiro Barcellos (1851-1916), posteriormente publicado em livro, A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul, além dos trabalhos organizados e publicados em 1881 e 1882 pelo Club Vinte de Setembro, formado por estudantes sul-rio-grandenses da Faculdade de Direito de São Paulo. Em todos eles é possível encontrar contrapontos aos argumentos apresentados por Araripe, que demonstram não só uma crítica das interpretações do historiador, mas igualmente dos princípios que fundamentam o ofício, tais como a seleção das fontes, a tomada de posição, a formulação de juízos, e a formação e atuação de Araripe como magistrado (que era) em relação ao passado. Tratava-se, portanto, de uma crítica à forma como Araripe exercera (ou deixara de exercer) o ofício de historiador, e a sua atuação como juiz em relação à Revolução Farroupilha. A partir das críticas à memória documentada de Araripe é possível, então, identificar os elementos que fundamentavam o julgamento histórico como parte da produção historiográfica. Além disso, as críticas permitem observar as proximidades e diferenças que eram traçadas entre o historiador e o juiz no trato com as fontes. Nesse trabalho utilizo os referenciais teóricos de M. de Certeau, acerca da operação historiográfica (2006), e das reflexões de R. Koselleck (1997), P. Ricœur (2007) e C. Ginzburg (1997) sobre a relação entre o historiador e o juiz.

Palavras-chave: História da história; julgamento histórico; Tristão de Alencar Araripe.

Simpósio Temático 08:

TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

Considerações sobre o “fim”: arte, história e filosofia na teoria de Arthur Danto

Diana Silveira de Almeida
Mestranda em História – UFPel

A teoria de Arthur Danto encontra uma ponte entre três áreas do saber: arte, filosofia e história. O foco que este trabalho pretende abordar são sobre as considerações de “fim” da arte, que tem seu início em 1984, ano em que o autor publicou um artigo denominado *The End of Art*. Neste período, as ideias de fim da arte e de sua história também estavam sendo repensadas por autores de outros campos, fossem artistas como Hervé Fischer, ou historiadores da arte como Hans Belting, provavelmente envolvidos pelas discussões pós-modernas e pós-estruturalistas, e embasados pelas mudanças perceptíveis nos objetos da arte. No que se refere aos escritos de Danto, tal qual o pensamento pós-moderno, o autor acreditava que as estruturas narrativas da história da arte na modernidade acabavam por definir o que era arte e como ela deveria ser feita. Este ponto de vista foi melhor elaborado em publicações mais recentes. Em seus livros *Após o Fim da Arte: a arte contemporânea e os limites da história* (2006) e *O descredenciamento filosófico da arte* (2005), Danto compreende que o que acontecia era a necessidade de uma estrutura histórica objetiva, resultado de séculos de apego entre a arte e ciência. Em outras palavras, a história da arte era um modo de legitimar a criação artística, em uma espécie de comprovação representativa da evolução humana. No entanto, em meados da década de 60 ocorrem mudanças no campo da arte, como por exemplo o fato de que nada diferencia a obra de arte *Brillo Box* de Andy Warhol e as caixas de Brillo do supermercado. Quando a aparência não é mais algo que define a arte – já que qualquer objeto comum pode ser um objeto de arte –, o processo de classificação histórica e as construções pictóricas das obras deixam de ser o foco da questão. É neste momento que começa um *período pós-histórico* (2006), que irá questionar o que é a arte de fato e não como a arte deve ser feita. Seria, nas palavras do autor, definir a arte filosoficamente e não historicamente. Este artigo pretende portanto, revisar as teorias de Danto em conjunto com as mudanças no campo da arte e também considerando as teorias da história, indagando o que de fato é o “fim” para cada um desses campos do saber.

Palavras-chave: História da arte; Fim da arte; Arthur Danto.

Trauma: pensando a historiografia estadunidense sobre a bomba atômica

Mario Marcello Neto
Mestrando em História – UFPel

Um dos eventos mais marcantes do século XX, sem dúvida, é as bombas atômicas lançadas sobre o Japão em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial. As cidades afetadas diretamente, Hiroshima e Nagasaki, e as outras cidades da redondeza foram afetadas não só com o número de mortes instantâneas que causaram, como também foram afetadas por muito tempo como consequência da radiação causada pela bomba. Estes efeitos geraram um trauma diferenciado sobre este evento. Diferentemente do que Lacapra (1998), se apropriando da psicanálise freudiana, aponta para os processos do trauma. Ou seja, para o autor supracitado o trauma se constitui, após ele gera-se um luto e posteriormente um medo. No caso da bomba atômica, ao contrário do que seu uso poderia apontar, a sua extinção está longe de ser atingida. Muito pelo contrário, após o uso das armas nucleares, o aumento na produção desses armamentos se deu em escala exponencial. Sendo assim, o trauma que deveria ter ensinado os seres humanos, ter feito um luto com relação a isso para depois voltar-se a tal questão foi nitidamente ignorado. Obviamente que esse fato de ignorar um trauma só pode ser percebido por aqueles ao qual não sofreram o trauma. Sendo assim, este trabalho busca analisar como a cultura japonesa e a historiografia estadunidense lidam e lidaram com este trauma supracitada. Tal comparação se faz necessária para compreender as relações existentes entre trauma e

superação coletiva de eventos traumáticos (DOWER, 1980). Sendo assim, propomos a análise da prática cultural do Origami japonês, através da lenda urbana de Sadako Sasaki e pela historiografia estadunidense corporificada pelas suas mais variadas vertentes através da produção marxista de Gar Alperovitz (1965), a ortodoxa de Robert Maddox (1975) e o historiador global John Dower (1980). Esta comparação permitirá a compressão da relação entre trauma e a produção historiográfica, compreendendo os processos em disputa.

Palavras-chave: História da Historiografia; Bomba Atômica; Trauma.

A visão Historiográfica de Alfredo Pimenta

Jussemar Weiss Golçalves
Doutor em História

Alesson Ramon Rota
Graduando Universidade Federal do Rio Grande

O presente resumo tem como objetivo evidenciar a relação entre objetividade e subjetividade na operação historiográfica de Alfredo Pimenta a partir da Hermenêutica ricoeuriana. Alfredo Pimenta foi um proeminente pensador Português do século XX que faz obras de História, Teorias Política e Poemas. A obra Meus Elementos de História de Portugal (1935) contém reflexões de Alfredo Pimenta sobre a História. Esta obra é escrita para fundamentar teoricamente o livro didático Elementos de História de Portugal (1934). Acontece que Pimenta recebeu muitas críticas sobre seu livro e nem todas eram “uma resposta sincera”, como diz o autor. Segundo Pimenta haviam difamadores que queriam destruí-lo, que não levavam em consideração sua erudição e personalidade. Assim, a partir do questionamento sobre “o que é História” para Alfredo Pimenta é possível perceber os conflitos existenciais do autor em relação ao mundo, que inclui suas escolhas frente a formação do Estado Novo português. A História proposta por Alfredo Pimenta revelou um profundo desgaste da Escola Metódica durante a década de 1930. Nesta época o Historicismo já havia se renovado, mais uma vez, com Dilthey e com Max Weber, mas Pimenta não dialogou com estes autores no campo da História. O contexto português rogava por autores nacionalistas e autoritários, o que explica o porquê da devoção de Pimenta à Escola Metódica. Ainda em Portugal procurava-se valorizar um líder para pôr fim às inúmeras tentativas de Golpe ocorridas durante a década de 1920. O desgasta da Escola Metódica é evidente quando surgem conflitos no ofício do historiador. O principal conflito gira em torno da objetividade e da interpretação. Alfredo Pimenta crê em poder chegar à História por meio dos fatos subsidiados pelas fontes. Mas ao mesmo tempo, ele admite que sua história – e de outros conhecidos historiadores – possui interpretação, isto é, possui elementos considerados subjetivos. Contudo, no contexto de Alfredo Pimenta, a necessidade de uma História Patriótica fez com que as contradições fossem amortecidas por uma necessidade do momento.

Palavras-chave: Historiografia; Teoria da História; Nacionalismo.

Memória, escrita da história e história da historiografia: reflexão e problematização

Eduardo Luis Flach Käfer
Mestrando – PUCRS

O ofício do historiador, podendo ter seu início apontado em Heródoto, já apresentava uma preocupação constante com a preservação da memória e a busca pela verdade. Esse adágio foi preservado durante séculos, inclusive pela própria historiografia tida por científica do século XIX. Somente no século XX, com a proposta de uma oposição entre história e memória lançado pelo sociólogo Maurice Halbwachs, esses dois polos começaram a ser pensados em uma relação menos intrínseca. A busca de uma ciência objetiva não poderia ser ameaçada pelas distorções próprias à memória, deixando, desse modo, um constante espaço para a reflexão sobre a escrita da história, seu conteúdo e seus espaços de produção, tidos muitas vezes, como suscetíveis ao processo de rememoração. O que este trabalho busca, a partir de reflexões teóricas surgidas após a quebra epistemológica promovida pelo giro linguístico, é repensar as relações entre a escrita da história, seu lugar de produção e seu processo de construção narrativa. Como argumentação central será posto que, as barreiras impostas pelo lembrar e o esquecer, não impedem o refinamento de uma historiografia com pretensões de validade racional. No entanto, a busca de uma separação radical entre a memória e a historiografia pode trazer problemas de difícil solução para a historiografia, desde que sua historicidade e suas limitações contextuais foram evidenciadas nas últimas décadas. A partir desse ponto, a história da historiografia tem uma importante função a desempenhar ao desvelar os desafios impostos pela escrita da história e sua inserção em um espaço social, com suas próprias demandas do que deve ser lembrado e esquecido. Como objeto de pesquisa será analisada a historiografia publicada em um momento chave da construção de uma memória política: as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, durante a década de 1920. A explicitação e discussão dessa temática levanta importantes questões aos limites epistemológicos e até mesmo éticos, com o qual o historiador se encontra na reflexão do seu próprio trabalho.

Palavras-chave: Memória; história da historiografia; Centenário da Independência do Brasil.

Hartog leu Koselleck: breves reflexões sobre *experiências de tempo* e História do Tempo Presente

Renato de Araújo Monteiro
Mestrando – UDESC

Este trabalho tem por objetivo realizar uma breve reflexão sobre aquilo que se convencionou chamar de *experiências de tempo*, e suas implicações para o campo da História do Tempo Presente. Para isso, seguimos as fórmulas utilizadas pelos historiadores Reinhart Koselleck e François Hartog, segundo os quais cada sociedade tem um modo particular de articular aquilo que foi vivido com aquilo que ainda se espera viver, seu *espaço de experiência* com seu *horizonte de expectativa*, de cuja tensão surgiria o que o primeiro designa por *tempo histórico* e o segundo por *regime de historicidade*. Segundo Koselleck, entre os séculos XVI e XVIII se constituiu “uma temporalização da história em cujo fim se encontra uma forma peculiar de aceleração que caracteriza a nossa modernidade”, quando a história deixa de ser eminentemente escatológica para construir um novo e inédito tipo de futuro. Para ele, a noção de *progresso* compõe elemento fundamental para que possamos compreender a modernidade enquanto esta experiência peculiar de *tempo histórico*, já que fornece um otimismo em relação ao futuro onde a *aceleração* adquire o lugar de um conceito histórico, comprime o *espaço de experiência* e foge em direção a um *horizonte de expectativa* cada vez mais distante. Já François Hartog defende que no último terço do século XX esse crescente distanciamento entre o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*, como apontado

por Koselleck, teria enfim chegado ao limite da ruptura, resultando na “experiência contemporânea de um presente perpétuo, inacessível e quase imóvel que busca, apesar de tudo, produzir para si mesmo o seu próprio tempo histórico”. Esta nova experiência *presentista* que ele diagnostica então como uma *crise do tempo* progressista da modernidade, estaria marcada por uma expectativa simultaneamente fechada em um presente estagnado e aberta para a mobilidade e a aceleração em direção a um futuro no mínimo ameaçador, do qual a atual supervalorização das categorias de *memória* e *patrimônio* seria sintomática. Hartog praticamente não comenta sobre o surgimento da História do Tempo Presente nos anos 1980, mas é bastante elucidativa a alegação de que seu desenvolvimento acompanhou o processo de desencadeamento desta crise do tempo onde “ao historiador foi solicitado, algumas vezes exigido, que respondesse às demandas múltiplas da história contemporânea ou muito contemporânea”. Portanto, o principal legado das ideias de Koselleck e Hartog para a História do Tempo Presente, entendida mais do que um recorte temporal pouco recuado que demanda certos cuidados teóricos e metodológicos particulares, seria atribuir-lhe também um objeto de estudo específico, qual seja um novo regime contemporâneo de historicidade, e tudo que ele traz em seu bojo.

Palavras-chave: Tempo Histórico; Regimes de Historicidade; História do Tempo Presente.

Marcelino Freire e a nova paisagem da escrita

Tatiana de Almeida Nunes da Costa
Doutoranda – PUC/Rio

A constante presença de expressões como “múltiplo”, “heterogêneo”, “diverso” nos registros da produção intelectual que toma a contemporaneidade como assunto coloca em tensão o movimento, cada vez mais frequente, de abalo das tradicionais demarcações das fronteiras disciplinares. Pensar o atual é ter em mente o crescente diálogo entre linguagens, gêneros e formas. Diante desse cenário, o estudo da história tem se aberto a diversos encontros, oferecendo outras formas de relação com o sensível. No presente trabalho, procuramos pensar possíveis interseções entre as problematizações sobre a escrita contemporânea no campo da história e da literatura. Para realizar essa empresa, tomamos como referência a produção do escritor pernambucano Marcelino Freire, um dos principais nomes da ficção brasileira a questionar a atual cena literária. Através do espaço do livro, Freire elege como protagonistas indivíduos marginalizados que a partir de suas atitudes desafiam o esperado. Pelos meios eletrônicos, pelas ruas, Freire convoca uma literatura que transcende o espaço da página.

Palavras-chave: Marcelino Freire; História; Literatura.

Identities in construction: J. de Figueiredo Filho e O Cariri Cearense

Hildebrando Maciel Alves
Mestrando - UFRGS

O presente trabalho visa discutir o processo de construção identitária de José Alves de Figueiredo Filho, enquanto historiador, e da região do Cariri Cearense - Localizado no sul do estado do Ceará, o Cariri é formado, atualmente, por 28 municípios e faz fronteiras com os estados do Piauí, Paraíba e Pernambuco. As cidades consideradas mais desenvolvidas na região são Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. A denominação *Cariri* deriva de um dos

grupos nativos da região anterior à colonização lusa, os *Kariris* durante a segunda metade do século XX. Procura-se, neste caso, compreender a legitimação do referido autor como um sujeito legitimado a discorrer sobre o tempo pretérito do sul do Ceará, por vias historiográficas, e a conseqüente imagem que fora sendo forjada para a espacialidade descrita em suas obras. Um estudo dessa natureza problematiza questões que vão desde a definição das fronteiras da profissão de historiador e da sua produção, uma análise do estatuto do texto histórico enquanto fruto da prática historiadora e como fonte de pesquisa, até a construção imagético-discursiva de espaços. Para tal fim, serão analisadas suas obras inseridas no campo da historiografia: *História do Cariri I* e *Cidade do Crato*, além de recorrer às outras obras produzidas, a fim de compreender sua trajetória intelectual e suas perspectivas no que concerne ao conhecimento científico. Alguns trechos da revista *Itaytera* também serão postos à reflexão, no sentido de compreender as perspectivas ideológicas do grupo no qual o historiador em análise estava inserido. Juntamente com essa análise, alguns conceitos nortearão o trabalho de reflexão proposto: autores como Durval Muniz, Michael Pollak, Eric Hobsbawm, Pierre Bourdieu, Michel de Certeau nos trarão valiosas contribuições para discutir identidade, escrita da história, tradição e memória. O leque de possibilidades que o estudo desse autor proporciona é imenso. Realizando um recorte circunscrito à historiografia, o que se objetiva é aprofundar determinadas discussões em torno do fazer história, não somente no recorte temporal proposto, mas nos dias correntes. Ainda é muito caro para nós, enquanto historiadores, discutirmos nossa prática a partir de um campo epistemológico. Ao que me parece, a institucionalização da operação realizada por nós, presente desde o século XIX e reconfigurada no século XX, produziu um cenário de afastamento desse tipo de problemática.

Palavras-chave: Identidade; Historiografia; Cariri.

Simpósio Temático 09:

HISTÓRIA, BIOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDAS

Diários e escrita de si: perspectivas sobre o lazer e sociabilidades pelotenses (década de 1950)

Letícia Portella Milan
Mestranda em História – UFPel

Os diários se constituíram em um instrumento para "construção do ser", onde geralmente sua prática esteve delegada ao feminino, e majoritariamente as mulheres de classe abastada que tinham o domínio da escrita para produzir tais escritos. O presente trabalho tem como objeto principal a utilização de diários pessoais de uma jovem pertencente à elite pelotense, nos quais o tema que se apresenta são os espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense na década de 1950. Através do diário pessoal de Clarice Tavares Xavier pretende-se, por meio do seu olhar, descrever o seu cotidiano e as diferentes impressões que tinha sobre os lugares que frequentava na cidade de Pelotas.

Palavras-chave: Diários íntimos; Lazer; Sociabilidade.

Breve consideração teórica acerca das tendências historiográficas que analisam trajetórias individuais

Biane Peverada Jaques
Mestranda em História - UFPel

As tendências historiográficas que visam a relevância da experiência individual em relação ao contexto social mais amplo o qual o sujeito pertenceu tem sido amplamente discutida. O “retorno” desta preocupação, que consiste em analisar a trajetória dos indivíduos, ocorreu devido a grande renovação e rearticulação das disciplinas das ciências sociais as quais estudam o homem e a mulher em sociedade, entre elas a história, na década de 1980. Sendo assim, ainda que a denominada micro-história, biografia e estudos de trajetória, por exemplo, possuam diferenças significativas, alguns dos aspectos teórico-metodológicos destas repetem-se. Dessa forma, pretende-se abordar neste artigo não as diferenças entre as tendências nem analisá-las separadamente, mas, apontar algumas das suas contribuições teóricas e/ou metodológicas para o estudo dos sujeitos individualmente. Estas consistem basicamente em realizar a análise de caráter biográfico através de uma abordagem que problematize a trajetória do sujeito observando suas continuidades, mas também e principalmente suas descontinuidades. Distanciando-se do modelo tradicional de biografia a qual observava o indivíduo enquanto modelo perfeito de coerência através de uma relação de causa e efeito. É fundamental ainda realizar neste tipo de análise um jogo de escalas, onde devem ser observados e relacionados aspectos do micro no macro contexto histórico e vice-versa. Estas são apenas algumas das questões que constituem-se como fundamentais nos trabalhos que visam analisar a história de vida dos sujeitos através de uma abordagem de caráter biográfico.

Palavras-chave: Micro-história; biografia; trajetória.

A cobertura do Diário Popular no processo de santificação do Padre Reinaldo Wiest (1993- 2015)

Ticiane Pinto Garcia
Licenciada em História – UFPEL

A presente comunicação tem por objetivo narrar e fazer apontamentos à presença da figura de Padre Reinaldo Wiest em diversas reportagens publicadas desde o ano de 1993 até o presente ano de 2015. Reinaldo Wiest nasceu no dia 13 de julho de 1907, em Morro Reuter, Dois Irmãos. Padre Reinaldo sob a orientação dos padres jesuítas durante a sua infância e adolescência. Chamado pelo povo de “O santo da campanha”, Padre Reinaldo ganhou fama nas cidades de Pelotas e Piratini pelo seu esmero à causa dos pobres e pelos possíveis milagres que a ele são associados. Para um estudo biográfico diante da figura foi necessário a utilização do livro “O vigário da campanha”, publicado por Pe. Johaness no ano de 1994. Ordenado na cidade de São Leopoldo em 1933, passando a pregar na cidade de Piratini, onde permaneceu até 1958, quando então foi transferido para atuar na Colônia Maciel em Pelotas, causando então grande descontentamento entre a população piratinense. Depois alguns anos após a morte, dava-se início a uma campanha pela sua beatificação cujo processo está, atualmente, em fase de recolhimento de provas e documentos para encaminhamento ao Vaticano. Diante desse processo e o mover das comunidades diante da figura do pároco, o Diário Popular veiculou muitas reportagens a cerca do fenômeno ocasionado durante diversas fases do processo. Nestas reportagens é possível perceber tanto o discurso dos agentes locais quanto eclesiásticos diante da figura, as divergências entre as cidades em que o Padre atuou e os estímulos provocados pela Diocese de Pelotas para auxiliar que a santificação fosse

concretizada. Além disso, é necessário abordar qual a intencionalidade diante das fontes e a que público elas pretendem atingir.

Palavras-chave: Processo de Santificação, Reinaldo Wiest, Diário Popular.

A vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Reflexões sobre a escrita da história a partir de *Plutarco Brasileiro*.

Rafael Terra Dall' Agnol
Mestrando em História – UFRGS

Se o século XIX foi o momento em que a história busca constituir-se enquanto disciplina com traços de cientificidade que impactarão no trabalho do historiador, tais como a crítica das fontes, a busca da imparcialidade, a objetividade sempre tão almejada, a biografia também passa por esse processo. Em ambas, biografia e história, encontram-se também a tarefa de escrever a história da nação. Não obstante, quando se busca estabelecer o campo de uma determinada disciplina, isso também é feito ao delimitar o que essa mesma disciplina não é. No caso da história, por exemplo, foi no século XIX em que a fronteira com a literatura ampliou-se. O mesmo ocorre com a biografia. Ou seja, história e biografia possuem uma historicidade longínqua e marcada por proximidades e afastamentos. O fato é que no século XIX, no que se refere ao Brasil, elas encontram-se como participantes do projeto monárquico de D. Pedro II. Dentro desse contexto, surge a obra *Plutarco Brasileiro* (1847), de Pereira da Silva (1817-1898). Nessa obra, o autor busca ajudar na tarefa de escrever a história da nação utilizando para isso biografias de indivíduos que, de acordo com o autor, haviam sido importantes durante a época colonial. Isso é feito, pois, através da escrita da história e, além disso, em uma análise mais apurada da obra, é possível depreender os diferentes regimes de historicidade (Hartog, 2013) ali constituídos e algumas questões importantes para as reflexões teóricas contemporâneas na perspectiva da história da historiografia, a saber, a relação entre o indivíduo e a sociedade, as múltiplas dimensões do tempo histórico, os conflitos e as proximidades entre tradição e modernidade. Sendo assim, esse trabalho justifica-se por poder contribuir não somente com as reflexões sobre a história da historiografia do Brasil oitocentista, mas também, a partir da análise da obra escrita por Pereira da Silva, refletir sobre o estágio atual da disciplina histórica.

Palavras-chave biografia; nação; escrita da história.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Núcleo de Pesquisa em História Regional

